

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS:
UM ESTUDO LEXICAL NO ÂMBITO DA
ANÁLISE SENSORIAL ENOLÓGICA**

Denise dos Santos Duarte

Dissertação 286/2001 apresentada como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Sabrina Pereira de Abreu

Porto Alegre, março de 2001.

AGRADECIMENTOS

Ao meu DEUS, pelo dom da vida e todo saber que dela provém.

À Profª Drª Sabrina Pereira de Abreu, pela dedicada, paciente e inestimada orientação e profissionalismo.

Aos membros do INTERCON, em especial ao Leandro Lara, pelo acesso ao *corpus* e todas as preciosas informações técnicas.

Aos meus familiares, pela compreensão demonstrada e inequívoco apoio.

A minha irmã e sempre amiga Daisy, pelo seu constante interesse, acompanhando e prestando precioso auxílio.

Aos meus colegas, pelo respeito, companheirismo e agradável convívio.

À Comissão PPG/LET, composta pela Profª Drª Rita Terezinha Schmidt, Profª Drª Ana Maria Lisboa de Mello, Profª Drª Freda Indursky, Profª Drª Márcia Hoppe Navarro, Profª Drª Margarete Schlatter e Prof. Dr. Robert Ponge, pelo exemplo de dedicação e profissionalismo.

À CAPES, pelo suporte financeiro.

Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, com seu incansável e irrestrito incentivo, permitiram que o sonho se tornasse realidade.

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
LISTA DE ABREVIATURAS.....	7
LISTA DE FIGURAS.....	8
LISTA DE GRÁFICOS.....	9
LISTA DE TABELAS.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
1. LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA.....	13
2. OS TERMOS COMPLEXOS E SEUS DIFERENTES MATIZES.....	22
2.1. Sintagmas terminológicos	26
2.2. Unidades terminológicas complexas	28
3. A APLICAÇÃO DE DIK (1977) AO TRATAMENTO DAS UTCs.....	31
3.1. Uma perspectiva funcional aplicada à língua comum.....	31
3.1.1. Estrutura geral das predicções.....	32
3.1.2. Atribuição de funções.....	36
3.1.3. Regras de expressão.....	40
3.1.4. A ordem dos constituintes.....	40
3.2. Uma perspectiva funcional aplicada a linguagens de especialidade.....	44
3.2.1. A estrutura funcional das UTCs.....	45
3.2.2. Funções semânticas, sintáticas e pragmáticas das UTCs.....	48

3.3. Perspectivas funcionais: contrapondo Dik (1977) e Café (1999).....	57
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	61
4.1. Procedimentos para a coleta de dados.....	61
4.2. Procedimentos para o tratamento automático dos dados.....	62
4.3. A organização das UTCs no léxico da Análise Sensorial Enológica.....	65
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	67
5.1. A representação sintática e morfológica das regras de formação.....	67
5.2. As UTCs <i>intra corpus</i>	69
5.2.1. Regras de formação das UTCs <i>intra corpus</i>	69
5.2.2. A ocorrência padrão das UTCs <i>intra corpus</i>	72
5.2.2.1. Função sintática do argumento.....	74
5.2.2.2. Função semântica.....	74
5.3. As UTCs <i>extra corpus</i>	78
5.4. Base elíptica.....	80
5.5. Casos especiais.....	83
CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	93
ANEXO 1 – UTCs <i>INTRA CORPUS</i>	95
ANEXO 2 – DESCRIÇÃO DAS UTCs <i>INTRA CORPUS</i>	99
ANEXO 3 – UTCs <i>EXTRA CORPUS</i>	130
ANEXO 4 – FUNÇÕES SEMÂNTICAS.....	136

RESUMO

Esta pesquisa investigou o comportamento das **unidades terminológicas complexas (UTCs)** no âmbito da Análise Sensorial Enológica, visando a contribuir para o avanço dos estudos terminológicos. Para tanto, adotamos os resultados encontrados em Café (1999), os quais forneceram dez regras de formação para as UTCs na área da Biotecnologia dos Vegetais, e verificamos o comportamento de tais unidades léxicas em uma das áreas da Enologia. O *corpus* foi extraído de Ratti (1984), recebendo tratamento computacional dos programas desenvolvidos por Zinglé (1997 e ss.). Na seqüência, além da organização das UTCs por regra de formação, bem como a indicação de sua respectiva representação sintática e morfológica, cada um dos elementos constitutivos da UTC foi, também, classificado dentro dos critérios e funções adotadas no modelo de Café. Os resultados apontam para a predicação nuclear do tipo [ϕ [x_1]] como sendo o padrão de formação no domínio examinado.

ABSTRACT

This research investigated the behavior of **complex terminological units (UTCs)** in the scope of enologic sensory analysis, aiming to contribute to the advancement of terminological studies. In order to reach that purpose, we adopted the results found in Café (1999), which supplied 10 formation rules for the UTCs in the area of biotechnology of vegetables, and we verified the behavior of such lexical units into one of the areas of enology. The *corpus* was extracted from Ratti (1984), receiving computerized treatment by programs developed by Zinglé (1997). In the sequence, the UTCs were organized according to the formation rules and their respective syntactic and morphologic representation. Moreover, each one of the elements of the UTCs were also classified according to the criteria and functions adopted in Café's model. So, the analysis of the organization of the UTCs in the scope of enologic sensory analysis was based on those procedures. In conclusion, the results point to the nuclear predication of type [ϕ [x_1]] as being the standard formation in the investigated domain.

LISTA DE ABREVIATURAS

Adj = adjetivo

(D) = determinante opcional

GF = gramática funcional

HFS = hierarquia das funções semânticas

Loc Adv = locução adverbial

LC = língua comum

LE = linguagem de especialidade

LG = língua geral

N = nome ou sintagma nominal

OPCIL = ordem preferida de constituintes

P = preposição

SA = sintagma adjetival

SAdv = sintagma adverbial

SP = sintagma preposicional

STs = sintagmas terminológicos

UT = unidade terminológica

UTCs = unidades terminológicas complexas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ambientes das linguagens de especialidade.....	15
Figura 2 – Estrutura geral das predicções.....	32
Figura 3 – Regra de formação de termo.....	34
Figura 4 – Atribuição de funções sintáticas na HFS.....	37
Figura 5 – Ordem dos constituintes.....	41
Figura 6 – Diagrama da organização de uma GF.....	43
Figura 7 – Regra de formação de UTC.....	45
Figura 8 – Representação da regra de formação e das funções semânticas da UTC.....	47
Figura 9 – Filtro 1: “itens puramente gramaticais”.....	64
Figura 10 – Representação sintática e morfológica das regras de formação de UTCs.....	68
Figura 11 – Representações sintáticas e morfológicas da Regra 1 = [ϕ [x ₁]]...72	

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrência de UTCs por regra de formação.....	84
Gráfico 2 – As UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica.....	85
Gráfico 3 – Categoria gramatical do argumento na Regra 1.....	86
Gráfico 4 – UTCs na linguagem da Análise Sensorial Enológica.....	87
Gráfico 5 – Categoria gramatical do argumento na Regra 1 no âmbito da Análise Sensorial Enológica.....	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fatores pragmáticos do léxico comum e da terminologia.....	19
Tabela 2 – O perfil dos STs conforme Borges (1998).....	27
Tabela 3 – Funções sintáticas e semânticas das bases das UTCs no âmbito da Biotecnologia dos Vegetais.....	49
Tabela 4 – As regras de formação de UTCs no âmbito da Biotecnologia dos Vegetais.....	54
Tabela 5 – Especificações de ϕ para o argumento $\rightarrow [\phi [x_1]]$	55
Tabela 6 - Especificações de ϕ para o satélite $\rightarrow [\phi [y_1]]$ e $[[\phi [x_1]] [y_1]]$	55
Tabela 7 - Especificações de ϕ para advérbios (argumentos ou satélites).....	56
Tabela 8 – Perspectivas funcionais: contrapondo Dik e Café.....	58
Tabela 9 – Descrição de UTC.....	66
Tabela 10 – Ocorrência de UTCs por regra de formação.....	70
Tabela 11 – Categoria gramatical do argumento na Regra 1.....	72
Tabela 12 – Função sintática do argumento na Regra 1.....	73
Tabela 13 – Função semântica da base na Regra 1.....	74
Tabela 14 – Função semântica do argumento na Regra 1.....	76
Tabela 15 – UTCs da Análise Sensorial Enológica por regra de formação.....	79
Tabela 16 – Categoria gramatical do argumento na Regra 1 para UTCs da Análise Sensorial Enológica.....	80

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende investigar o comportamento das **unidades terminológicas complexas** no âmbito da Análise Sensorial Enológica¹. Para tanto, assume-se os resultados encontrados em Café (1999), os quais, fundamentados nos pressupostos da Gramática Funcional (Dik, 1977), forneceram dez regras de formação para as **unidades terminológicas complexas** na área da Biotecnologia dos Vegetais.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa consiste em adotar os resultados encontrados em Café (1999) e aplicá-los a outra linguagem de especialidade, ou seja, a Análise Sensorial Enológica, com a finalidade de verificar se nessa linguagem as 10 regras são igualmente produtivas.

Desta forma, a presente dissertação está inserida no âmbito terminológico, uma vez que seu objeto de estudo pertence a um domínio de especialidade. O estudo destes domínios, isto é, das linguagens de especialidade, é um ramo recente dos estudos lingüísticos e os pesquisadores têm buscado descrever e explicar o seu funcionamento singular.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos e discutimos a definição de Lexicologia (ciência que se ocupa do léxico da língua comum) e de Terminologia (ciência que se ocupa do léxico da linguagem de especialidade). No segundo, apresentamos a “plethora de designações” para a unidade lexical no âmbito das linguagens de especialidade, visando a pontuar precisamente os conceitos e critérios que

¹ A Análise Sensorial Enológica é uma das áreas do domínio da Enologia. Segundo Lara (1999), “a Enologia procura conhecer as uvas e os vinhos, a partir da análise de seus elementos constituintes, e desvendar os fenômenos químicos e biológicos com os quais estão envolvidos. (...) A Análise Sensorial Enológica, a partir das propriedades organolépticas, permite analisar do ponto de vista hedônico e principalmente técnico os vários componentes do vinho, avaliá-los e julgá-los no seu conjunto, apreciando suas características positivas e evidenciando os aspectos negativos, além de efetuar previsões razoáveis sobre eventuais evoluções e transformações.”

situam as **unidades terminológicas complexas** na área de estudo desta pesquisa. No terceiro capítulo, apresentamos os fundamentos da Gramática Funcional de Dik (1977); as dez regras de formação para as **unidades terminológicas complexas**, segundo Café (1999); bem como o contraponto entre as perspectivas destes dois autores. No capítulo seguinte, descrevemos os procedimentos metodológicos que norteiam este trabalho². No quinto capítulo, procedemos à análise e discussão dos resultados encontrados.

Na conclusão, constatamos que as regras de formação encontradas por Café no âmbito da Biotecnologia dos Vegetais não se confirmam no âmbito da Análise Sensorial Enológica, uma vez que apenas a estrutura do tipo **[base + argumento]**, equivalente à predicação nuclear do tipo $[\phi [x_1]]$, é que manifesta ocorrência produtiva, com 86% das unidades com este padrão de formação.

² O *corpus* deste estudo corresponde fielmente às formas complexas (UTCs) fornecidas por Lara (1999).

CAPÍTULO 1

LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA

Definir **Lexicologia** e **Terminologia** é crucial para situar adequadamente o objeto do presente estudo, bem como estabelecer claramente as posições teóricas que serão aqui consideradas ao pontuar todas as escolhas teóricas e metodológicas que servirão como esteio para esta investigação.

Como bem disse Cabré (1993: 86):

A grande quantidade de características comuns que apresentam a lexicologia e a terminologia permite que sejam tratadas, pelo menos, como matérias afins (...), porém nem tudo é coincidente entre as duas (...) Algumas características divergentes servem de suporte para que sejam tratadas separadamente: a) o campo de trabalho; b) a unidade de base; c) os objetivos de aplicação; d) o método de trabalho.

A **Lexicologia** é a ciência que estuda a constituição do **léxico** da língua, objetivando sua modelização com o fim de “criar condições padronizadas para a formação de novas unidades lexicais de acordo com princípios estruturais sistemáticos. Uma vez organizados, tais princípios funcionam como uma norma lexical útil para a nomeação dos ‘objetos’ da língua geral” (Faulstich, 1994: 316).

Por **léxico**, segundo Perini (2000: 343), entende-se toda a gama de **itens lexicais**, os quais armazenam a informação idiossincrática da língua, ou

seja, cada item lexical carrega os traços fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos de um **lexema**, de um **morfema**, ou de uma **expressão idiomática** da língua.

A língua, conforme Cabré (1993: 128), está constituída por um conjunto diverso de subconjuntos que todo falante conhece, domina e utiliza em função de suas “necessidades expressivas” e de acordo com as características de cada situação comunicativa.

Assim, apesar da ausência de uma fronteira rígida entre os subconjuntos, bem como o fluxo de algumas unidades lexicais entre os mesmos, Cabré (1993: 129-140) esquematiza a linguagem em três ambientes. São eles:

a) língua geral (LG): anterior a qualquer realização, é a língua em termos virtuais, isto é, o conjunto que engloba todos os demais subconjuntos que compõem a linguagem;

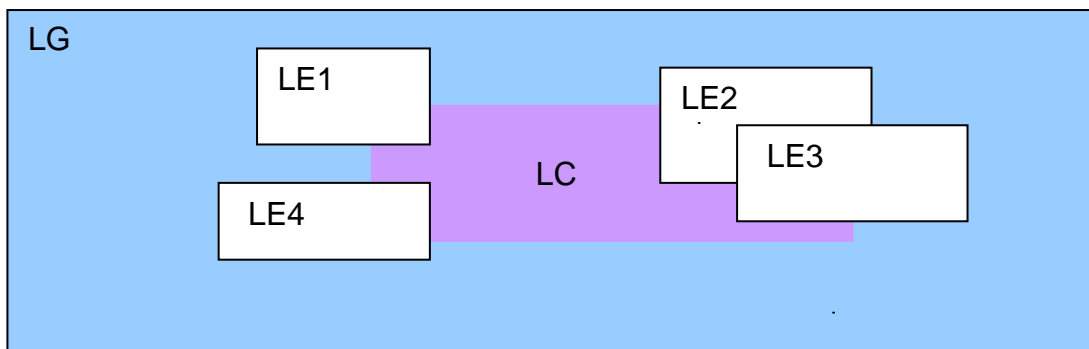
b) língua comum (doravante LC): é o subconjunto que comporta o léxico comum, bem como o conjunto de regras (fonológicas, morfológicas e sintáticas) que todos os usuários dominam;

c) linguagem de especialidade (doravante LE): corresponde aos demais subconjuntos nos quais estão situadas as comunicações técnico-científicas de cada domínio específico; sempre compartilham grande parte do léxico comum e regras gramaticais com a LC, e, por vezes, de alguns termos com outra LE³.

Vejamos a figura apresentada no trabalho de Borges (1998: 18) para a representação visual dos três ambientes:

³ Para distinguir com clareza a especificidade das LEs, transcrevemos a explicação de Maciel (1999: 29). “A comunicação especializada, vista como um uso da língua geral em situações específicas, constitui-se, portanto em uma realização de língua natural com todas as características da língua comum. Conseqüentemente a linguagem de especialidade não se constitui numa língua artificial, mas faz parte da língua geral. Desse modo, participa de todas as suas propriedades, funções e ‘imperfeições’ (como a variação e a polissemia eram consideradas), de todas as realizações, orais ou escritas, tanto na perspectiva diacrônica como sincrônica.”

Figura 1 – Ambientes das linguagens de especialidade



Legenda: → Língua geral (LG)
 → Língua comum (LC)
 → Linguagem de especialidade (LE)

A **Figura 1**, acima, demonstra claramente a amplitude do campo de trabalho abarcado pela Lexicologia, isto é, todo o âmbito da LC. Como se vê, a LG abarca primeiramente a LC e depois quantas LEs o desenvolvimento das diferentes áreas do conhecimento assim o exigir.

Ao situar seu campo de trabalho no âmbito da LC, a Lexicologia assume como unidade de base o **lexema**, unidade lexical “virtual que se realiza sob a forma de ‘palavras’ no discurso” (Faulstich, 1994: 314). Portanto, o lexema encontra sua especificidade no contexto multirreferencial (todas as possibilidades semânticas do lexema) e na estrutura paradigmática (delineadora do caráter semântico e lexicográfico do lexema) da LC.

Na **Terminologia**, temos “uma disciplina de intersecção” (Faulstich, 1994: 317) que estuda a constituição das LEs, objetivando à compilação, descrição, tratamento e apresentação dos **termos** próprios dos campos especializados. Assim, para Faulstich (1997:71), a prática terminológica “tem origem e evolução desde o momento em que as línguas são organizadas em gramáticas e dicionários.”

Segundo Cabré (1993), com o objetivo de estudar e compilar os termos especializados, a prática terminológica, apesar de sua recente sistematização e aquisição de seu estatuto científico (século XX), revela o interesse dos

especialistas na fixação das denominações dos conceitos científicos já no século XVIII (química, botânica, zoologia).

A ramificação técnica e o avanço tecnológico da ciência requerem a sistematização de regras de formação de termos para cada especialidade. Assim, a partir do século XX, a Terminologia torna-se relevante também para os técnicos, dentre os quais, Cabré (1993:22) cita o austríaco Wüster (considerado o fundador da terminologia moderna e principal representante da Escola de Viena) e o russo Lotte (fundador da Escola Soviética de Terminologia).

Cabré observa que, apesar de a linguagem ser o centro de interesse dos lingüistas e dos especialistas em ciências humanas, somente nos últimos anos este coletivo concentra sua preocupação no esforço por construir uma teoria que dê conta dos princípios que regem as línguas reais e possíveis, e não presta tanta atenção aos aspectos polivalentes da linguagem concebida como instrumento de comunicação. Entretanto, somente nessa concepção comunicativa da linguagem, a terminologia teria sido uma peça chave da reflexão e trabalho dos lingüistas.

Assim, na perspectiva de Cabré, o desenvolvimento da terminologia, tanto em sua vertente teórica como prática, não é mero acaso do final do século XX, pois uma análise efetiva da organização das sociedades e suas respectivas ideologias evidenciam as causas da reflexão profunda sobre seus princípios, bases e métodos, além de sua importância social e política, tanto nacional como internacional.

A autora argumenta, ainda, que os analistas da sociedade e da cultura identificam esta fase da humanidade como uma etapa de transição, pois, da cultura rural (início do século XIX), e da industrialização (nas três últimas décadas do século XIX e primeira metade do século XX), saltamos para a cultura pós-industrial (na segunda metade do século XX).

A sucessão de civilizações, segundo Cabré (1993: 23-24), não suplanta os valores da anterior, antes, promove a troca quando determinados traços característicos adquirem um prestígio que lentamente é generalizado e passa a substituir o conjunto que predominava anteriormente. Essa troca manifesta transformações evidentes e claramente diferenciadas das anteriormente vigentes “nas relações econômicas predominantes, numa distribuição

geográfica distinta da população, ou na concepção de família, religião ou trabalho”.

Para Cabré (1993: 24-25), no tecnicismo e na informatização fixam-se as novas bases culturais da civilização pós-industrial que avança sobre os elementos que caracterizavam a cultura precedente. Assim, a linguagem e as formas de comunicação interpessoal têm sido afetadas de forma essencial por essas trocas, gerando novas formas de organização comunicativa, novas profissões em torno da linguagem e conseqüentemente novos produtos lingüísticos.

Um processo de normalização lingüística, sob a ótica de Cabré (1993: 25), deve respeitar as idiosincrasias culturais e formais de cada língua, permitindo que a sociedade se integre em grupos mais amplos e não se encerre em um isolamento estéril.

Como a Terminologia também é afetada pelas trocas sociais, para Cabré (1993: 25-26), a grande eclosão da atualidade é explicada justamente pelas trocas que têm desenvolvido as novas necessidades lingüísticas. Essas necessidades lingüísticas estão fundamentadas:

- a) nas novas denominações requeridas pelos novos conceitos e inclusão de campos através da ciência e da técnica;*
- b) na difusão generalizada da tecnologia, provocando novas frentes de atuação econômica;*
- c) na produção em massa (substituta da produção artesanal), que exige um mercado universal para suprir as crescentes relações internacionais (políticas, culturais e econômicas);*
- d) no intercâmbio científico, técnico, cultural e comercial, que provoca a regularização dos sistemas e das unidades básicas de transferência de conhecimento e produtos;*
- e) na importância capital e extraordinariamente multidimensional da informação;*
- f) na interação entre o léxico geral e o especializado permitida pela difusão generalizada da terminologia pelos meios de comunicação de massas;*
- g) na inclusão da terminologia, via intervenção governamental, no planejamento das línguas,*

bem como a criação de organismos oficiais que providenciem a respectiva regularização.

(Cabré, 1993: 25-26)

Então, na ótica que estamos examinando, isto é, segundo Cabré, o interesse pela Terminologia nasce na prática, e, ainda hoje, a teoria terminológica está vinculada a uma prática que está relacionada com a resolução de problemas lingüísticos de comunicação e, por isso mesmo, atua cada vez mais como uma ciência de interface entre “as ciências das coisas” (Wuster, apud Cabré, 1993: 33) e outras disciplinas como a lingüística, a lógica⁴, a ontologia⁵ e a informática⁶.

A Terminologia tem uma relação íntima com os campos de especialidade dos quais se ocupa. Como a Terminologia serve à ciência, à técnica e à comunicação, especialistas em cada domínio temático e especialistas em Terminologia (geral e aplicada) trabalham em colaboração para levar a cabo as tarefas de ordenação e regularização dos conceitos e **termos** de cada disciplina, viabilizando e dinamizando a comunicação especializada entre comunidades de línguas diferentes.

Assim, Cabré (1993: 35-36) afirma que a Terminologia não é uma atividade prática que se justifique por si só, senão que está destinada a resolver necessidades sociais vinculadas à otimização da comunicação entre especialistas e profissionais ou relacionadas com o processo de regularização de uma língua. Essa concepção mais pragmática e aplicada da Terminologia estabelece uma melhor conexão com o espírito da sociedade atual.

Conforme Faulstich, a Terminologia situa seu “campo de trabalho” no âmbito da LE. Logo, sua unidade de base é o **termo**, uma unidade lexical definida, quer dizer, “unidade significante (...) que designa uma noção de

⁴ A terminologia compartilha com a lógica o interesse fundamental pelos conceitos, i. é, preocupa-se prioritariamente com a relação que se estabelece entre o objeto da realidade e o conceito que o representa.

⁵ A terminologia compartilha com a ontologia o interesse pela natureza dos “seres” da realidade e pelas relações que se estabelecem nela. A ontologia se ocupa das relações que não encontram base na lógica, i.é, não partem da semelhança entre os conceitos, mas de sua situação na realidade.

⁶ Segundo Cabré, Wüster vislumbra que a informática é uma matéria chave para a terminologia em virtude das grandes possibilidades que oferece como sistema de armazenamento e recuperação da informação, e para a ordenação dos sistemas conceituais.

maneira unívoca no interior de um domínio” (Boutin-Quesnel et alii, apud Faulstich, 1994:314). Portanto, **o termo**, também designado de **unidade terminológica**, inserido num domínio temático, tem “sua significação específica delimitada por um dos subcódigos do código maior, isto é, contextualiza-se dentro de uma linguagem de especialidade” (Faulstich, 1994: 315).

A tabela a seguir, apresentada por Cabré (1993: 222), sintetiza os fatores pragmáticos que permitem diferenciar o léxico comum da terminologia.

Tabela 1 – Fatores pragmáticos do léxico comum e da terminologia

FATORES PRAGMÁTICOS DO LÉXICO COMUM	FATORES PRAGMÁTICOS DA TERMINOLOGIA
FUNÇÃO BÁSICA Conativa, emotiva, fática e outras	FUNÇÃO BÁSICA Referencial
TEMÁTICA Genérica	TEMÁTICA Específica
USUÁRIOS Todos os falantes	USUÁRIOS Os especialistas
SITUAÇÃO COMUNICATIVA Menos formal	SITUAÇÃO COMUNICATIVA Mais formal
DISCURSO Geral	DISCURSO Profissional e científico

Com base na **Tabela 1**, percebemos que a Terminologia é a parte da Lexicologia que estuda o léxico das LEs, pois, em contraste com o léxico comum, suas características pragmáticas são a referencialidade, a especificidade temática, a formalidade comunicativa, bem como, o uso específico por especialistas em seus discursos técnicos.

Assim, a Lexicologia, ao atuar no âmbito da LC, tem por incumbência explicar o comportamento lingüístico dos usuários levando “em conta hipóteses

teóricas que refutam ou validam as produções dos falantes por meio de amostragens” (Faulstich, 1994: 317).

Em contrapartida, a Terminologia, ao atuar exclusivamente no âmbito da LE, “não explica o comportamento lingüístico dos usuários, antes busca denominações para estruturas conceptuais previamente estabelecidas” (Faulstich, 1994: 317).

Portanto, enquanto “o resultado prático da lexicologia teórica e descritiva serve de ponto de partida para o trabalho lexicográfico na elaboração de dicionários de língua geral; o resultado prático da terminologia especializada aplica-se à terminografia na constituição de dicionários especializados” (Faulstich, 1994: 317).

Desta forma, a presente dissertação está inserida no âmbito terminológico, uma vez que seu objeto de estudo pertence a um domínio de especialidade. Quer dizer, o *corpus* a ser explorado contém todos os fatores pragmáticos que caracterizam especificamente este tipo de léxico, conforme apresentado na **Tabela 1**. Assim, diferentemente do léxico comum, as unidades lexicais da Análise Sensorial Enológica têm uma função referencial dentro de uma temática específica e, portanto, são aplicadas pelos especialistas da área em situações comunicativas formais, ou seja, em seus discursos profissionais e técnico-científicos.

Resumo:

Neste capítulo, vimos que a Lexicologia é a ciência que se ocupa do léxico da LC e, portanto, assume como unidade base o lexema. Em contrapartida, a Terminologia é a parte da Lexicologia que focaliza o léxico no âmbito das LEs, logo, sua unidade é o **termo**, também designado de **unidade terminológica**. Assim, ao pesquisarmos unidades terminológicas complexas em LE, focalizaremos exclusivamente o âmbito terminológico e as diretrizes que norteiam esta disciplina.

No próximo capítulo, serão apresentadas as principais discussões teóricas sobre a unidade básica da Terminologia, o **termo** (ou unidade terminológica, doravante UT). Para tanto, apresentaremos a variedade de enfoques, nomenclaturas e respectivos conceitos utilizados na literatura especializada.

CAPÍTULO 2

OS TERMOS COMPLEXOS E SEUS DIFERENTES MATIZES

Neste capítulo, será definida a unidade básica da Terminologia, o **termo**, bem como as noções pertinentes às suas manifestações.

Cabe, primeiramente, informar que, segundo Alves (1999: 69), Bevilacqua (1996: 9) e Saliba (2000: 67), a literatura especializada apresenta uma “plethora designativa” para o **termo**, dentre elas: *lexia*, *unidade fraseológica*, *sintagma terminológico*, *unidade terminológica*, etc.

Aqui, limitaremos a exposição aos sintagmas terminológicos e às unidades terminológicas, uma vez que, como já dito anteriormente, este estudo tem seu foco no comportamento das unidades terminológicas complexas (UTCs). Isto posto, iniciaremos o tópico do presente capítulo discutindo a noção de **termo**.

Os termos (ou unidades terminológicas, doravante UTs) são as unidades de base da terminologia e designam os conceitos próprios de cada disciplina especializada.

Segundo Cabré (1993: 169), o conjunto de UTs de uma determinada disciplina (e também de um âmbito de atividade específica) constitui a terminologia própria dessa especialidade, ou seja, “os termos, além de se caracterizarem como unidades formais e funcionais que fazem parte de um sistema gramatical, são também unidades de comunicação e referência” (Cabré, 1993: 220).

Assim, numa perspectiva formal (significante) ou semântica (significado)⁷, as UTs e as palavras parecem não diferir muito, porém, sob critérios pragmáticos⁸ e comunicativos, o que distingue as UTs das palavras “é a conjugação do caráter de representante de um conceito temático juntamente com as funções pragmáticas assumidas na comunicação” (Maciel, 1999: 30).

Contrastando com o léxico comum, a particularidade mais relevante da terminologia, segundo Cabré (1993: 169), consiste na sua utilização para designar os conceitos próprios das disciplinas e atividades de especialidade. Em consequência, as UTs são conhecidas fundamentalmente pelos especialistas de cada uma dessas matérias, aparecendo com uma frequência muito elevada nos documentos especializados de cada disciplina.

Cabré (1993: 169) argumenta que as UTs, como as palavras do léxico geral, são unidades sígnicas distintivas e significativas ao mesmo tempo, que se apresentam de forma natural no discurso especializado. Possuem, pois, uma vertente sistemática (formal, semântica e funcional), sempre que são unidades de um código estabelecido, e manifestam também outra vertente pragmática, pois são unidades usadas na comunicação especializada para designar os “objetos” de uma realidade preexistente, isto é, atendem às necessidades conceptuais dos discursos de uma determinada LE.

Como qualquer outra unidade significativa de um sistema lingüístico, segundo Cabré (1993: 170), as UTs formam parte de um sistema estruturado, no qual ocupam um determinado nível (o das unidades léxicas) e se relacionam, por um lado, com as demais unidades do mesmo nível e, por outro, com as unidades dos demais níveis, participando conjuntamente na construção do discurso.

Ao reconhecer a terminologia como parte integrante do léxico de uma “gramática”, para Cabré (1993: 171), as UTs se revelam como “unidades sígnicas” que apresentam uma dupla face: a da expressão, explicitada por

⁷ Os termos “formal” e “semântica” aqui, como veremos nas páginas seguintes, estão sendo usados no sentido de Cabré (1993: 180).

⁸ O elemento pragmático é entendido aqui a partir das características de utilização da linguagem, isto é, são aquelas que permitem captar a organização que os falantes impõe sobre o plano da comunicação. Segundo Dik (1977: 38-39), as funções pragmáticas (tema, apêndice, tópico e foco) marcam o estatuto informativo dos constituintes numa determinada predicação.

meio da denominação; e a do conteúdo, que representa a noção ou conceito a que se refere a denominação.

Assim, as UTs, enquanto unidades sígnicas, podem ser analisadas lingüisticamente sob três enfoques (Cabré, 1993: 171):

- a) o formal (a denominação – para o “significante”)⁹;
- b) o semântico (o conceito¹⁰ ou noção – para o “significado”) e
- c) o funcional (a categoria¹¹ e a distribuição¹²).

Segundo estes critérios (formal, semântico e funcional), os termos carregam em si traços fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, os quais determinam sua interface sintático-semântica, bem como seu ambiente lingüístico (fatores pragmáticos). Assim, estes três enfoques são fundamentais para esta pesquisa, uma vez que a perspectiva funcional os utiliza em sua análise da predicação, como veremos no Capítulo 3.

É preciso esclarecer ainda que, em Terminologia, as denominações apresentam uma sistemática de dupla referência:

- a) uma referência ao sistema léxico geral;
- b) uma referência ao subsistema léxico (ou terminológico) de cada disciplina de especialidade.

Em linhas gerais, para formar uma nova denominação, a Terminologia dispõe dos mesmos recursos e mecanismos que o léxico geral, ao formar uma palavra.

Os distintos conceitos que formam parte de um mesmo campo nocional estão ligados entre si por dois grandes tipos de relações: as relações lógicas

⁹ Segundo Cabré (1993:180), tanto quanto as palavras (na LC), os termos (na LE) podem ser simples, compostos ou complexos.

¹⁰ Para Cabré (1993: 180), os conceitos, que são representações mentais dos objetos, são fruto de um processo de seleção das características relevantes que definem uma classe de objetos e não objetos individuais, conferindo ao termo a propriedade de referência.

¹¹ Cabré (1993: 180) estabelece quatro grandes classes conceituais: a) objetos ou entidades (nomes); b) processos, operações, ações (verbos, nominalizações de verbos); c) propriedades, estados, qualidades (adjetivos); d) relações (adjetivos, verbos).

¹² Segundo Borges (1998: 21), “unidade distribucional que requer um determinado ambiente lingüístico, e que no discurso encontra-se freqüentemente combinado com outros termos específicos (a fraseologia).”

(características comuns) e as relações ontológicas (proximidade situacional dos elementos na realidade). Isto é, como vimos no Capítulo 1, um conceito especializado integra um campo de especialidade – “conjunto estruturado de noções” –, dentro do qual adquire seu valor e esta “expressão onomasiológica deve ser definida de acordo com a funcionalidade epistemológica que explica a ‘coisa’ no que ela tem de particular e necessário” (Faulstich, 1997: 97).

As UTs, além de sua característica como unidades gramaticais de vertente tripartite (formal, conceptual e funcional) que formam parte de um sistema gramatical, são também “unidades pragmáticas de comunicação e referência”, e, portanto, aparecem em discursos específicos, realizados por indivíduos de determinadas características e em situações concretas de comunicação.

A título de exemplificação das características acima descritas, apresentamos algumas UTs do léxico da Análise Sensorial Enológica, dentre elas: “açúcares residuais”, “café verde”, “degustação de idoneidade”, “vinhos tranquilos”, etc., extraídas do *corpus* que será objeto desta pesquisa (v. Anexo 1). Destes exemplos, para comprovarmos que as UTs são unidades gramaticais, podemos destacar a UT “açúcares residuais”, na qual cada um dos seus elementos constitutivos apresenta flexão de número. Como as UTs também são unidades pragmáticas, destacamos a UT “degustação de idoneidade”, a qual tem uma referência específica no seu domínio de ocorrência.

Cabré (1993: 222) destaca os cinco principais fatores pragmáticos que permitem diferenciar o léxico comum do léxico especializado: a função básica a que se propõe; a temática de que tratam; os usuários; as situações comunicativas; os tipos de discurso.

É preciso esclarecer ainda que as UTs podem ser simples, compostas, complexas ou um “agrupamento de lexias”¹³ (Faulstich, 1980: 135). Enquanto a UT simples corresponde à palavra da LC (exemplos: manual, vinho, termo, lexia, etc), a UT composta, segundo Faulstich (1980: 17) é o “resultado de uma integração semântica que se manifesta formalmente” (exemplos: surdo-mudo, quebra-mar, verde-claro, etc). Por sua vez, a UT complexa é a seqüência em

¹³ Em Linguística, chama-se o termo de lexia (unidade lexical memorizada). “Lexia é a unidade significativa máxima da língua” (Rey-Debove, 1984: 48).

processo de lexicalização (exemplos: açúcares residuais, componentes organolépticos, tipos de degustação, vinhos tranquilos, vinhos com denominação, etc). Quanto aos agrupamentos de UTs, são a junção de mais de duas UTs (exemplo: área de preservação ecológica, etc).

Considerando o objeto deste estudo, nas seções seguintes, conforme anunciado no início deste capítulo, o foco da exposição será sobre os sintagmas terminológicos (STs) e as unidades terminológicas complexas (UTCs), uma vez que a literatura especializada apresenta mais de uma designação para se referir aos termos complexos.

2.1. Sintagmas terminológicos

Nesta seção, serão sumarizados as noções conceituais de uma das designações utilizadas para as estruturas complexas, os sintagmas terminológicos (doravante STs), visando diferenciá-las das unidades terminológicas complexas (doravante UTCs), objeto desta dissertação.

Segundo Borges (1998), os STs são estruturas sintáticas complexas de ocorrência nas LEs, constituindo-se, geralmente, de “Nome + Adjetivo” ou “Nome + Preposição + Nome”; expressam um todo de sentido, expressando e identificando um conceito próprio de um determinado domínio (LE).

Os STs são iguais aos sintagmas da LC, porém sofrem lexicalização nos textos dos domínios técnicos ou científicos, isto é, diferem dos sintagmas livres, pois não têm caráter fortuito e apresentam maior coesão e dependência entre seus elementos. Como a sua identificação e delimitação é bastante difícil, somente a coleta no seu próprio domínio, o texto técnico-científico, poderá permitir a sua identificação.

Borges (1998: 41-42), ao traçar um perfil do conceito que os estudiosos têm a respeito dos STs, apresenta três grandes grupos – natureza dos STs; estrutura e comportamento dos STs; e, problemática da identificação dos STs – os quais encontram-se organizados na **Tabela 2**.

Vejam os:

Tabela 2 – O perfil dos STs conforme Borges (1998)

1 – natureza dos STs:	2 – estrutura e comportamento dos STs:	3 – problemática da identificação dos STs:
<p>⇒“unidades novas de <i>significado único e constante</i> (Benveniste);</p> <p>⇒um <i>grupo inteiro de lexemas</i> que se ligam por diversos procedimentos e que formam uma <i>designação constante e fixa</i> (Benveniste);</p> <p>⇒um <i>grupo de palavras</i> separadas por brancos, sintaticamente ligadas e que identificam uma <i>noção única em um determinado domínio do saber</i> (Boulanger);</p> <p>⇒uma seqüência de signos separados que constituem uma <i>unidade de significação permanente</i> (Guilbert);</p> <p>⇒constituídos por uma <i>coesão semântica muito forte e permanente</i> (Rondeau).”</p>	<p>⇒“contraem as mesmas <i>relações sintagmáticas e paradigmáticas</i> que a unidade chamada <i>palavra</i> (Guilbert);</p> <p>⇒são o resultado de um <i>mecanismo transformacional</i> (Guilbert);</p> <p>⇒são do tipo <i>binário: elemento base + segundo elemento</i>, cada um deles podendo ser <i>simples ou complexo</i> (Guilbert);</p> <p>⇒são formados por uma <i>combinação de palavras</i> que segue uma <i>determinada estrutura sintática</i> (Cabré);</p> <p>⇒o conjunto se organiza lexicalmente em torno de uma base única (<i>memória de acesso aleatório, unidade central de processo</i>) (Cabré).”</p>	<p>⇒“não há critérios decisivos para a determinação de uma unidade sináptica. O critério considerado mais seguro seria o <i>caráter único e constante do significado</i> nestas estruturas (Guilbert);</p> <p>⇒na falta de critérios formais decisivos, o critério <i>semântico</i> será utilizado para distinguir os termos compostos dos termos não-cristalizados (Tremblay);</p> <p>⇒a presença da expansão determinativa é obrigatória e necessária para exprimir o <i>caráter semântico</i> que circunscreve completamente o objeto e o hierarquiza em relação aos outros que compartilham a mesma esfera nocional (Boulanger).”</p>

Os dados sumarizados na **Tabela 2** revelam que os STs têm uma semântica coesa dentro de um campo nocional, os quais são estruturados sintaticamente em relações binárias.

Quanto à problemática de identificação, os estudiosos são unânimes em reconhecer que o caráter semântico é determinante, uma vez que ainda não há critérios formais para o reconhecimento de suas fronteiras.

Na próxima seção, ao apresentar as unidades terminológicas complexas, faremos a distinção entre STs e UTCs.

2.2. Unidades terminológicas complexas

Na presente seção, trataremos de outra denominação das estruturas lexicais complexas, as chamadas unidades terminológicas complexas.

Como já dissemos, as palavras complexas são construções léxicas com mais de um morfema lexical. Essas formações, chamadas de **compostos** na LC, representam um processo extremamente produtivo de formação lexical e geram, em LE, **unidades terminológicas complexas** (doravante UTCs).

No âmbito da Terminologia, as **UTCs** são estruturas sintáticas complexas iguais aos sintagmas da LC, porém lexicalizados nos textos de domínio específico. Com maior grau de coesão e de dependência entre os seus elementos na estrutura sintática, diferem dos sintagmas livres pela ausência de caráter fortuito. Some-se a isto que, ao expressar uma única noção, um todo de sentido, a UTC promove a identificação de um conceito próprio numa determinada LE.

As UTCs são o resultado da ocorrência de uma composição sintagmática, a qual é processada quando os elementos de um segmento atingem uma intrínseca relação sintática (morfológica e semântica), constituindo uma **única unidade léxica**. São os sintagmas lexicalizados, também chamados de lexias complexas.

Ou seja, mecanismos ou estruturas que são normalmente utilizados na formação de enunciados passam a ser utilizados na função de denominar e/ou caracterizar seres, que é uma função fundamental do léxico (Basílio, 1999: 30).

Segundo Carone (1999: 37), na composição sintagmática, o segmento sintático se imobiliza, gerando uma “unidade cristalizada”. Forma-se, então, o que Carone denomina de “sintagma bloqueado”. O sintagma ao sofrer a cristalização ou bloqueio se descaracteriza enquanto estrutura binária para assumir características que são consideradas essenciais numa palavra: “a inseparabilidade e a irreversibilidade das partes articuladas”. Assim, o “sintagma bloqueado” carrega um novo sentido, uma nova referencialidade distinta daquela de seus elementos constitutivos. Ou seja, o sintagma

bloqueado atinge o estatuto de unidade lexical, o que em nosso estudo reconhecemos como UTCs, plenamente incorporadas ao léxico da correspondente LE, pois sua função é referencial. Quer dizer, com o estatuto de unidade lexical “denominam e/ou caracterizam seres” (Basílio, 1999: 30).

Considerando a exposição acima, podemos perceber que os estudiosos utilizam denominações distintas, no caso STs e UTCs, para designar o mesmo objeto. Tanto os STs quanto as UTCs são definidas como estruturas sintáticas complexas de inserção terminológica que expressam um todo de sentido e promovem a identificação de um conceito próprio numa determinada LE.

Cabe, aqui, citar Camara Jr. (1956), sobre a noção de sintagma:

Termo estabelecido por Saussure (1922, 170) para designar a combinação de formas mínimas numa unidade lingüística superior. De acordo com o espírito da definição, implícita em Saussure, entende-se hoje apenas por sintagma um conjugado binário (duas formas combinadas), em que um elemento DETERMINANTE cria um elo de subordinação com outro elemento, que é DETERMINADO (Camara Jr., 1956: 223).

Considerando este ponto de vista para a caracterização de um *sintagma*, a denominação de STs implica limitar este tipo de unidade léxica a um conjugado binário, isto é, apenas duas formas combinadas. Porém, os termos complexos em LE não estão circunscritos a um elo binário, antes, apresentam estruturas mais complexas, considerando-se a interface sintaxe-semântica, do que a denominação de *sintagma* pode comportar.

Vejamos um exemplo:

(1) *acidez total expressa* → [N [Adj] [Adj]]

Este exemplo demonstra a descaracterização da estrutura binária proposta por Saussure, bem como uma nova referencialidade numa dada LE. Além disso, comprova a aquisição do estatuto de unidade lexical na medida em que assumiu, conforme Carone (1999: 37), as características essenciais numa palavra: “a inseparabilidade e a irreversibilidade das partes articuladas”.

Então, ao assumirmos que os termos complexos são construções sintáticas complexas utilizadas como unidades de sentido numa LE, indubitavelmente, a denominação de UTC comporta com adequação todas as características intrínsecas ao estatuto de unidade lexical, ou seja, a função fundamental do léxico que, segundo Basílio (1999: 30), é a de “denominar e/ou caracterizar seres”. Estas, por sua vez, são, necessariamente, dotadas de referencialidade.

Resumo:

No presente capítulo, assumimos que o termo (UT) é uma unidade lexical de comunicação e referência numa dada LE e, portanto, é a unidade básica da Terminologia. Como o objeto deste trabalho são as manifestações dos termos em estruturas complexas, apresentamos as noções conceptuais recorrentes na literatura especializada para este tipo de estrutura, isto é, distinguimos entre STs e UTCs, concluindo que, na realidade, os estudiosos utilizam nomenclaturas diferentes para focar o mesmo objeto. Portanto, ao entendermos que a denominação de ST carrega em si a noção intrínseca de binarismo saussureano, optamos pelo uso de UTC por entendermos que esta denominação descaracteriza a relação binária e assume as características essenciais de uma palavra. Assim, UTCs são unidades léxicas complexas que carregam um todo de sentido e identificam um conceito no âmbito de uma LE.

No próximo capítulo, apresentaremos o paradigma funcional e o tratamento das UTCs, estabelecendo o contraponto entre o enfoque de Dik, no tratamento da LC, e o de Café, no âmbito da LE.

CAPÍTULO 3

A APLICAÇÃO DE DIK (1977) AO TRATAMENTO DAS UTCs

Este capítulo pretende apresentar o paradigma funcional de Dik (1977), bem como sua aplicação ao âmbito de uma LE, finalizando com a comparação entre os enfoques de Dik (1977) e de Café (1999).

3.1. Uma perspectiva funcional aplicada à língua comum

A finalidade da Gramática Funcional (doravante GF), proposta por Dik (1977), é abarcar qualquer tipo de expressão lingüística em uma LC¹⁴, na medida em que sua estrutura interna seja regida pelas regras da gramática. Desse modo, não fica restrita à estrutura interna das orações, uma vez que existem combinações de orações relacionadas mediante regras sintáticas e semânticas.

O conjunto das estruturas abarcadas pela GF se denominará o conjunto das “expressões lingüísticas independentes”, sendo definido como aquele que não depende de modo algum do contexto que o precede ou que o segue (Dik, 1977: 164 e ss.).

Na prática, o modelo de Dik (1977) se ocupará fundamentalmente da estrutura interna das orações, portanto, só podendo tratar de um número relacionado de aspectos oracionais.

¹⁴ Ver Capítulo 1.

Apesar de ter um campo de ação diferente do que será explorado neste trabalho, o modelo de Dik, como veremos mais adiante, poderá servir de ponto de partida para análises do léxico de uma linguagem de especialidade.

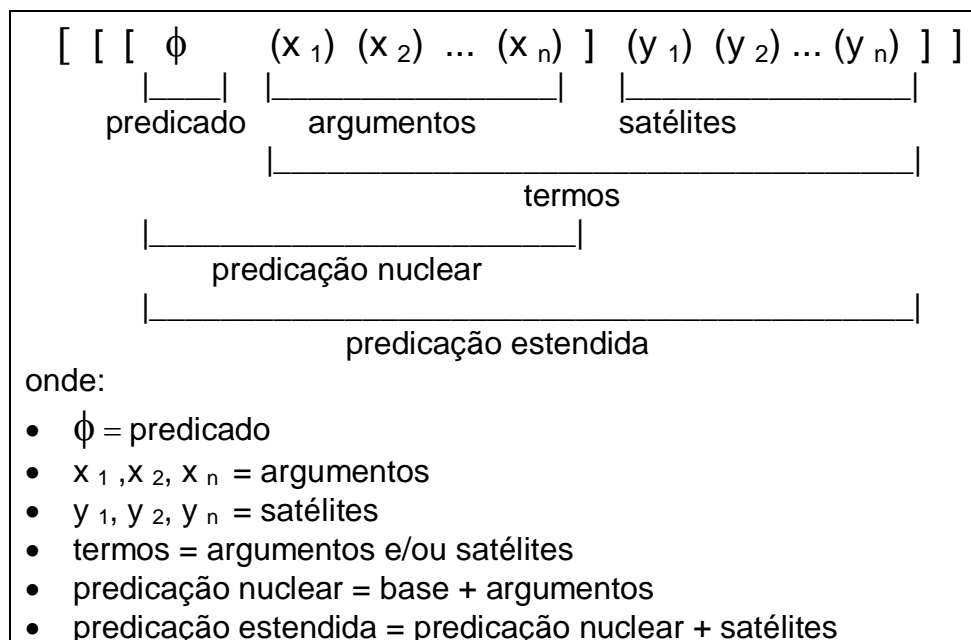
Antes, apresentaremos o modelo, conforme proposto por Dik, e seus princípios nos próximos itens desta seção.

3.1.1. Estrutura geral das predicções

A GF começa com a construção de orações nucleares. Dik (1977) entende por “predicação nuclear” a aplicação de um predicado a um número apropriado de termos que funcionam como argumentos desse predicado.

Vejamos a figura apresentada por Dik (1977: 46) para a representação da **estrutura geral das predicções**:

Figura 2 – Estrutura geral das predicções



A **Figura 2** apresenta a regra geral de formação das predicções, nas quais os termos são expressões com potencial referencial, isto é, expressões que podem se referir a entidades em algum mundo; os predicados designam as propriedades de tais entidades ou as relações entre elas. Uma predicção nuclear é obtida mediante a inserção dos termos apropriados nos lugares argumentais, podendo transformar-se em predicção estendida mediante a inserção de satélites.

Os predicados podem ser básicos ou derivados. Um predicado é básico se não está formado segundo um processo produtivo em nível sincrônico. Os predicados básicos são dados pelo léxico¹⁵; os predicados derivados são formados mediante regras de formação de predicados.

Os termos¹⁶, são formados mediante as regras de formação de termos conforme Dik (1977: 35):

¹⁵ Os lexemas simples “de sentido pleno” (verbos, adjetivos, nomes) são tratados como predicados básicos (Bach, apud Dik, 1977: 34). São fornecidos pelo léxico e estão providos de toda a informação apropriada para o seu comportamento sintático e semântico nas expressões lingüísticas. Esta informação está contida nos chamados “marcos predicativos”. Cada marco predicativo proporciona a seguinte informação sobre um predicado: sua forma léxica; a categoria sintática a que pertence; o número de argumentos que requer; as restrições de seleção que estabelece o predicado sobre seus argumentos; as funções semânticas que realizam os argumentos.

<i>Marco predicativo básico:</i>			
(1)	dar_V	$(x_1: \text{humano } (x_1))_{Ag}$	$(x_2)_{Met} \quad (x_3: \text{animado } (x_3))_{Rec}$
	“dar _V	(dx ₁ : John (x ₁)) _{Ag}	(dx ₂ : livro (x ₂)) _{Met} (dx ₃ : Bill (x ₃)) _{Rec} ”
	•	V = predicado verbal	
	•	X = variáveis que marcam as posições argumentais	
	•	Ag = agente → rótulo que marca a função semântica dos argumentos	
	•	Met = meta → rótulo que marca a função semântica dos argumentos	
	•	Rec = receptor → rótulo que marca a função semântica dos argumentos	
	•	humano (x ₁); animado (x ₃) = expressões que especificam as restrições de seleção sobre os argumentos Agente e Receptor.	

Os marcos predicativos do tipo **(1)** representam fielmente a estrutura básica da predicção nuclear. Desse modo, não há necessidade de regras gerativas que especifiquem as estruturas subjacentes nas predicções. O que se necessita são as condições sobre a formação correta de marcos predicativos do tipo **(1)**.

¹⁶ Nesse ponto, é importante observarmos que a noção de termo na GF difere daquela apresentada no Capítulo 2 para a Terminologia. Enquanto na Terminologia os termos designam os conceitos próprios de cada LE, na GF, os termos são expressões que podem ser usadas para referir-se a entidades em um dado mundo. Vejamos o exemplo extraído de Neves (1997: 84):

	Termo	Predicado	Termo	Termo
Predicação	Pedro	entregar	o livro	à menina
Estado-de-coisas	Entidade 1	Relação	Entidade 2	Entidade 3

No exemplo de Neves, o predicado “entregar” relaciona as três entidades desta predicção – “Pedro”, “o livro” e “menina”. Aqui, os termos não designam conceitos especializados, mas, sim, entidades.

Figura 3 - Regra de formação de termo

$(\omega x_1 : \phi_1(x_1) : \dots : \phi_n(x_i))$

onde:

- ω = indica um ou mais operadores de termos
- $\phi_j(x_i)$ = indica uma “predicação aberta” (possivelmente completa) com x_i com variável livre.

As regras de formação de termos especificam quais são as predicções abertas¹⁷ que podem se combinar na estrutura subjacente dos termos, e que expressões se prendem na estrutura sintática final do termo.

Dado que as predicções abertas podem, elas mesmas, conter termos com a mesma estrutura geral que a regra de formação de termos, os procedimentos para a formação de termos são recursivos. Assim, a formação de termos pode produzir termos complexos do tipo:

- a) uma moça com belos olhos castanhos e uma expressão triste em seu rosto;
- b) um velho que encontrei na rua ontem;
- c) o fato de que não posso decidir-me nunca.

A formação de termos, exatamente igual a formação de predicados, tem um fundamento muito firme em outros componentes da Gramática. O léxico, as regras de formação de predicados e as regras de formação de termos proporcionam, todos juntos, um conjunto de marcos predicativos (básicos e derivados) e um conjunto de termos, que podem se combinar para formar predicções nucleares. A cada predicado é concedida a informação necessária sobre suas possibilidades combinatórias, e ao termo uma informação sobre suas propriedades inerentes, de tal tipo que ao menos sua compatibilidade com um predicado dado possa ser determinada. Desse modo, as predicções

¹⁷ Conforme Dik (1977), um determinante ϕ_j (predicação aberta) pode terminar como o Núcleo ou como Modificador na estrutura do termo; e, neste último caso, o Modificador pode ser de nome, de adjetivo, de particípio, um sintagma adposicional numa oração relativa.

nucleares podem ser formadas mediante a inserção de termos apropriados nos lugares argumentais dos marcos predicativos.

(2) “dar \vee (dx_1 : John (x_1)) AgSuj (dx_2 : livro (x_2)) MetObj
(dx_3 : Bill (x_3)) Rec”¹⁸

(Dik, 1977: 38)

Um outro aspecto a considerar é o critério semântico. Segundo esse critério, as predicções nucleares podem ser interpretadas como designando estado de coisas. Desse modo, a predicção nuclear define as relações semânticas fundamentais¹⁹ existentes em qualquer expressão lingüística mediante as quais se descreve tal estado de coisas.

Enquanto os argumentos nucleares são os termos necessários para a definição do estado de coisas, os satélites são os termos opcionais que especificam propriedades adicionais do estado de coisas nuclear como um todo. Em princípio, os satélites têm o mesmo estatuto funcional que os argumentos (isto é, consistem em variáveis rotuladas para as funções semânticas) e têm a mesma estrutura interna que os termos.

Os princípios para associar satélites com predicções nucleares nos proporcionam o conjunto completo das predicções (estendidas) subjacentes nas expressões lingüísticas de uma língua.

Vejamos um exemplo de predicção estendida (Dik, 1977: 47):

(3)	Termo	Predicado	Termo	Satélite
Predicção	John	comprou	um carro	em Amsterdam
Estado de coisas	Entidade 1	Relação	Entidade 2	Entidade 3

¹⁸ Neste exemplo, as abreviações rotulam as funções semânticas de agente (Ag) , meta (Met) e receptor (Rec) e as funções sintáticas de sujeito (Suj) e objeto (Obj) propostas por DIK.

¹⁹ Dik (1977: 52 e ss.) propõe os seguintes rótulos para as relações semânticas: agente (Ag), meta (Met), receptor (Rec), beneficiário (Ben), instrumento (Instr), localização (Loc) e tempo (Temp).

sintáticas e funções pragmáticas. Essas especificações são formalizadas como atribuição, isto é, são expressas em forma de regras que acrescentem funções aos componentes das predicções, sujeitas a determinadas condições. Com relação às funções sintáticas, são suficientes o Sujeito e o Objeto para explicar as diferenças pertinentes entre expressões lingüísticas que expressam a mesma predicção.

A atribuição de funções sintáticas para os argumentos e para os satélites das predicções serão formuladas segundo uma Hierarquia das Funções Semânticas (doravante HFS), conforme a figura que segue:

Figura 4 – Atribuição de funções sintáticas na HFS

	Ag	>	Met	>	Rec	>	Ben	>	Instr	>	Loc	>	Temp
Suj	x	>	x	>	x	>	x	>	x	>	x	>	x
Obj			x	>	x	>	x	>	x	>	x	>	x

(Dik, 1977: 108)

A **Figura 4** indica que podemos atribuir a função de sujeito (Suj) a qualquer função semântica na HFS, e a função objeto (Obj) a qualquer função semântica exceto a de agente (Ag). Segundo Dik (1977:108), em ambos os casos, estas atribuições não se realizam produtivamente conforme avançamos na HFS.

A saída dos procedimentos de atribuição de funções sintáticas é um conjunto de predicções do seguinte tipo:

(4) “dar \vee (dx₁: John (x₁)) AgSuj (dx₂: livro (x₂)) MetObj
(dx₃: Bill (x₃)) Rec”

(Dik, 1977: 38)

Na predicção acima **(4)**, o argumento *John*, com função semântica de agente (Ag), seguindo a HFS, tem precedência sobre os demais argumentos

para receber a função sintática de sujeito (Suj). O mesmo ocorre com o argumento *livro*. Com função semântica de meta (Met), *livro* tem precedência em relação ao argumento *Bill*, com a função semântica de receptor (Rec), para receber a função sintática de objeto (Obj).

Uma vez que a atribuição de funções sintáticas tenha tido lugar, as funções pragmáticas são atribuídas de modo similar. Distinguem-se quatro funções pragmáticas, duas externas e duas internas à predicação propriamente dita.

As funções pragmáticas externas são:

- *tema*: especifica o universo do discurso com relação ao qual a predicação subsequente se apresenta como pertinente; como no exemplo abaixo:

(5) “*Quanto aos alunos, eles não serão convidados!*” (Dik, 1977: 172)

- *apêndice*: apresenta, como “uma idéia adicional” à predicação, informação destinada a clarificá-la ou modificá-la, como no exemplo abaixo:

(6) “*Nós demos um livro para ele ontem, para teu irmão.*” (Dik, 1977: 200)

As funções pragmáticas internas são:

- *tópico*: apresenta a entidade sobre a qual a predicação predica algo na localização dada, como no exemplo abaixo:

(7) “*A Torre Eiffel é realmente espetacular.*” (Dik, 1977: 186)

- *foco*: apresenta o que é, relativamente, a informação mais sobressalente ou importante na localização dada, como no exemplo abaixo:

(8) “*John deu o livro para Bill.*” (Dik, 1977: 39)

Estas funções marcam o estatuto informativo dos constituintes em questão, dentro do marco particular de sua utilização. Formalmente, as funções pragmáticas manifestam-se de diferentes modos. Determinadas línguas têm marcadores especiais para as funções pragmáticas, e provavelmente todas utilizam padrões especiais prosódicos e de ordenamento para marcar as funções pragmáticas.

Dik (1977: 38) observa que a saída que formulou para a continuação seria uma das possíveis quando as regras de atribuição de funções pragmáticas se aplicam a uma estrutura do tipo **(4)**, como pode ser observado em **(9)**:

(9) “dar \vee (dx₁: John (x₁)) AgSujTóp (dx₂: livro (x₂)) MetObj
(dx₃: Bill (x₃)) RecFoc”
(Dik, 1977: 38)

Para Dik, a estrutura **(9)** poderia ser expressada mediante uma oração do tipo **(10)**:

(10) “John deu o livro para Bill.” (Dik, 1977: 39)

quando esta é uma resposta a uma pergunta do tipo **(11)**:

(11) “Para quem John deu o livro?” (Dik, 1977: 39)

Com a aplicação dos diferentes procedimentos mencionados anteriormente, isto é, o marco predicativo, as regras de formação e a HFS, obtém-se estruturas de predicação, nas quais os termos estão rotulados para as funções semânticas, sintáticas e pragmáticas, de tal forma que nenhum termo pode ter mais de três funções, uma de cada um dos diferentes níveis funcionais. Estas estruturas constituem a entrada para as regras que determinam a forma sintática real das expressões lingüísticas, conforme a estrutura funcional e de predicação que expressam.

A partir de agora estas regras serão chamadas por Dik de “regras de expressão”, as quais serão tratadas na seção a seguir.

3.1.3. Regras de expressão

As regras de expressão determinam o modo como as estruturas funcionais do tipo (9) se projetam nas estruturas sintáticas das expressões lingüísticas. Dik (1977: 39) distingue os seguintes aspectos da expressão sintática:

(i) a forma na qual estão realizados os termos, em particular mediante: marca de casos, adposições (pre-posições e pós-posições); (ii) a forma na qual se realiza o predicado, em particular: diferenças de voz no verbo, elementos auxiliares, concordância e referências cruzadas; (iii) a ordem dos constituintes; (iv) atribuição de acento e entonação (Dik, 1977: 39).

Dentre estes diferentes modos expressivos, a *ordem dos constituintes* tem especial relevância na GF de Dik, tendo em vista o escopo da análise, isto é, a oração, e será apresentada a seguir.

3.1.4. A ordem dos constituintes

A GF apresenta uma hipótese bastante específica sobre a “linearidade” das estruturas funcionais. As predicções se “linearizam” mediante regras que colocam seus constituintes nas posições dos denominados padrões funcionais, que, por sua vez, estão baseados nas definições constantes na **Figura 5**, independente de línguas:

Figura 5 – Ordem dos constituintes

P2, P1 (V) S (V) O (V), P3

onde:

- **S** e **O** representam as posições neutras ou não marcadas de Sujeito e Objeto.
- **Vs** indicam as posições possíveis dos verbos (finitos e não finitos).
- **P1**, **P2** e **P3** indicam posições especiais destinadas para usos especiais.
- As **vírgulas** representam pausas na entonação.

(Dik, 1977: 40)

A posição P1 é particularmente importante. É ocupada por elementos de categorias especiais de constituintes (palavras interrogativas), ou utilizada para constituintes com função de *tópico* ou de *foco*. P2 é a posição de “deslocamento para a esquerda”, isto é, precede a predicação sem fazer parte dela e, por isso mesmo, é ocupada por constituintes com a função de *tema*. P3, com “deslocamento para a direita”, também não integra a predicação, sendo ocupada por constituintes com a função de *apêndice*.

Para Dik é possível demonstrar que a **Figura 5** apresenta uma considerável validade “interlingüística”, se considerarmos que as línguas podem ter padrões funcionais diferentes para as orações principais e para as subordinadas.

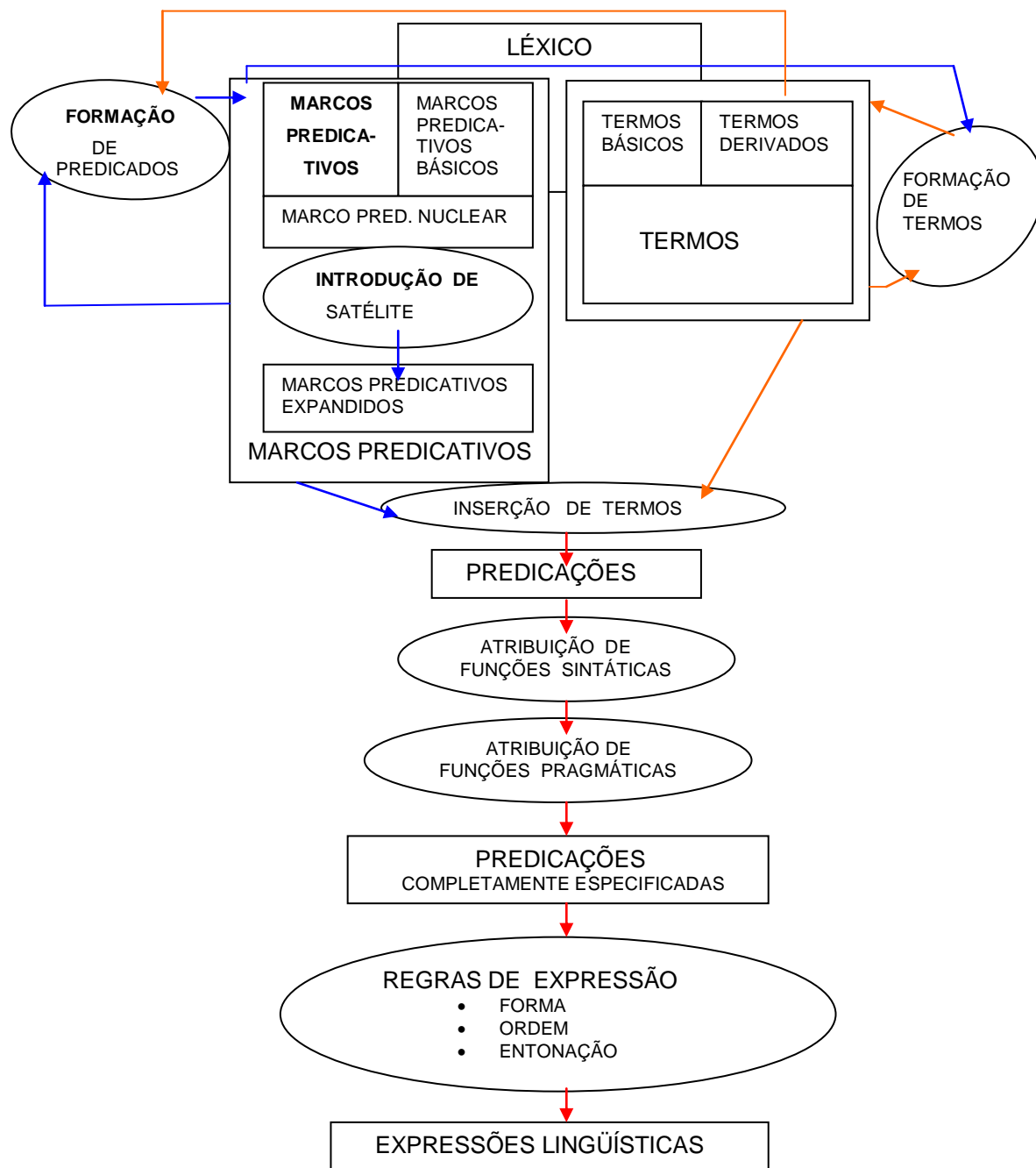
Em geral, segundo Dik (1977: 40-41), nas orações subordinadas existem tantos tipos de constituintes que devem ocupar P1 (partículas subordinantes, pronomes relativos, palavras interrogativas) que resta pouco espaço livre para a “frontalização” de outros tipos de constituintes nesta posição. Nas orações principais, P1 está aberto, em geral, para a colocação de constituintes com as funções pragmáticas especiais de *tópico* e *foco*.

Os padrões funcionais e as regras para projetar estruturas predicativas podem explicar aqueles ordenamentos de constituintes que estão determinados pelas funções sintáticas e pelas pragmáticas dos constituintes, através do que Dik denominou de uma ordem preferida de constituintes

independente das línguas (OPCIL). Segundo a OPCIL, a preferência é dos ordenamentos nos quais os constituintes menos complexos categorialmente precedem aos mais complexos, assim, os pronomes clíticos seriam constituintes menos complexos e as orações subordinadas complexas, os de maior complexidade. A idéia é que naqueles casos em que a colocação segundo os padrões funcionais da língua estivesse em desacordo com a OPCIL, seria criado um conflito que poderia conduzir a padrões funcionais alternativos, os quais existiriam de acordo com a OPCIL. Desse modo, a OPCIL poderia explicar um número considerável de casos, em línguas bastante diferentes, donde os constituintes terminam por ocupar posições diferentes das que poderiam ser esperadas segundo os padrões funcionais básicos em questão.

Isto posto, vejamos, na **Figura 6**, como Dik (1977: 43) concebe o diagrama da organização de uma GF.

Figura 6 – Diagrama da organização de uma GF



A **Figura 6** revela que a organização de uma GF começa a sua construção ainda dentro do léxico, o qual contém as expressões básicas da língua. Estas, por sua vez, dividem-se em dois subconjuntos: os predicados básicos e os termos básicos. Cada um desses subconjuntos “pode ser estendido por meio de regras sincronicamente produtivas, formando,

respectivamente, predicados derivados e termos derivados” (Neves, 1997: 83). Assim, o léxico é um repositório de marcos predicativos (estruturas que especificam um predicado e fornecem informação sobre sua forma léxica; a categoria sintática a que pertence; o número de argumentos que requer; as restrições de seleção que estabelece sobre seus argumentos; as funções semânticas que realizam os argumentos) e de estruturas de termos para a construção de predicções.

Saindo do léxico, onde o marco predicativo e os termos encontram-se selecionados, tem lugar a **inserção de termos** que resultará na **predicação subjacente**.

Neste ponto, respeitando a HFS (hierarquia das funções semânticas), serão atribuídas as funções sintáticas e, a seguir, as funções pragmáticas aos termos, o que resultará nas **predicações completamente especificadas**.

O último processo requer a aplicação das **regras de expressão** para a obtenção das **expressões lingüísticas**.

Na próxima seção, veremos a aplicação deste referencial teórico aplicado a linguagens de especialidade.

3.2. Uma perspectiva funcional aplicada a linguagens de especialidade

A aplicação de uma perspectiva funcional a uma LE foi realizada por Café (1999), cuja pesquisa objetivou contribuir para o desenvolvimento de uma lógica de extração de UTCs. A autora reconhece que a análise do comportamento lingüístico das UTCs é uma etapa primordial para a concepção de uma lógica de extração terminológica no contexto. A pesquisa da autora visa a contribuir para a concepção de lógicas de extração das UTCs que adotem uma conduta lingüística. Para essa produção, a autora selecionou como *corpus* as UTCs utilizadas nos textos escritos sobre Biotecnologia dos Vegetais em Português Brasileiro. Essas UTCs foram descritas e analisadas segundo seus aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, à luz dos pressupostos funcionalistas de Dik. Porém, o método da “predicação”, construído por essa teoria, foi adaptado em quatro princípios de base, a saber:

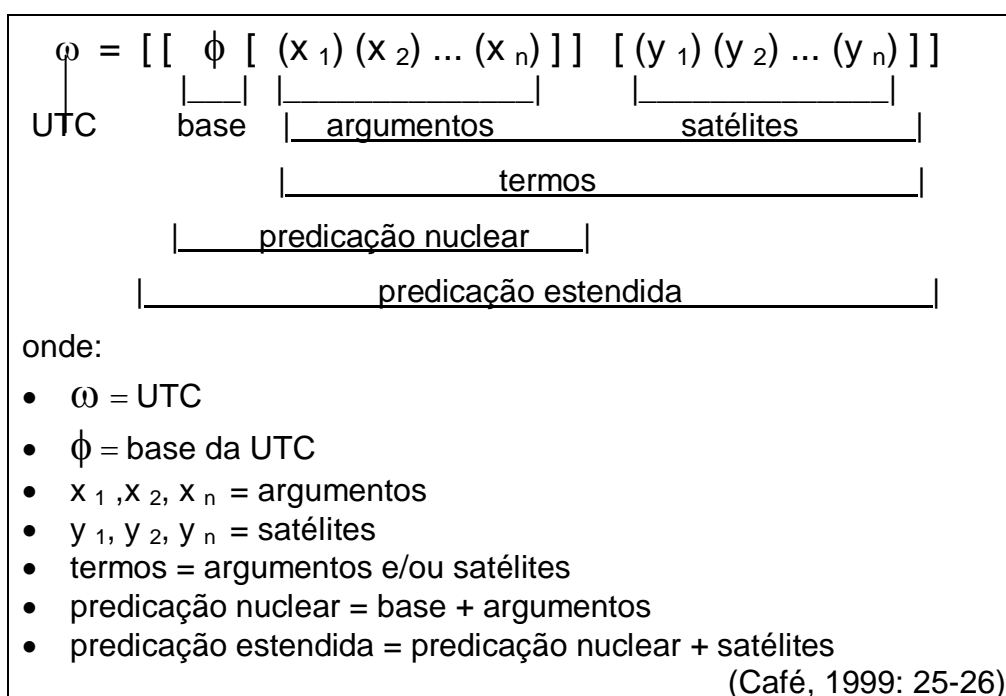
regra de formação, função semântica, função sintática e função pragmática. As adaptações justificam-se na medida em que a pesquisa de Café está centrada na análise dos elementos lexicais complexos em LE, bem como pelo fato de a análise estar limitada ao contexto da própria unidade, quer dizer, fora de seu contexto oracional.

No seguimento, considerando que o objetivo desta dissertação é observar o comportamento das UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica, apresentaremos cada um dos quatro princípios de base para a “predicação” em LE, segundo a ótica de Café.

3.2.1. A estrutura funcional das UTCs

Segundo Café (1999), as UTCs são unidades formadas de uma base e de argumentos ou, ainda, de um predicado nuclear e de satélites, já definidos na seção 3.1.1. Estes elementos é que constituem a estrutura geral da predicação em uma LE. Com base nessa definição a autora formulou a seguinte regra de formação de UTC:

Figura 7 – Regra de formação de UTC



Para melhor compreensão da regra, vejamos o exemplo apresentado por Café (1999: 25):

(12) UTC → aclimação de plantas no solo

$$\text{regra} \rightarrow \omega = [[\phi [x_1]] [y_1]]$$

onde:

- ω (UTC) = aclimação de plantas no solo
- ϕ (base da UTC) = aclimação
- x_1 (argumento) = de plantas
- y_1 (satélite) = no solo

Como podemos observar, o exemplo acima, com base na regra de formação de UTC proposta por Café, corresponde a uma predicação estendida, isto é, tem em sua constituição uma predicação nuclear do tipo base (aclimação) mais argumento (de plantas) que é estendida por um satélite (no solo).

A predicação nuclear de uma UTC constitui-se de uma base e pelo menos um argumento, podendo-se acrescentar a ela satélites, e, assim, obter-se a predicação estendida, conforme demonstra o exemplo acima.

As variáveis **x** (argumentos) e **y** (satélites) contêm os índices que determinam a posição dos termos (argumentos e satélites) dentro da UTC, enquanto a base, isto é, o núcleo da unidade, é que carrega as informações semânticas, sintáticas e pragmáticas de todos os termos que integram esta UTC.

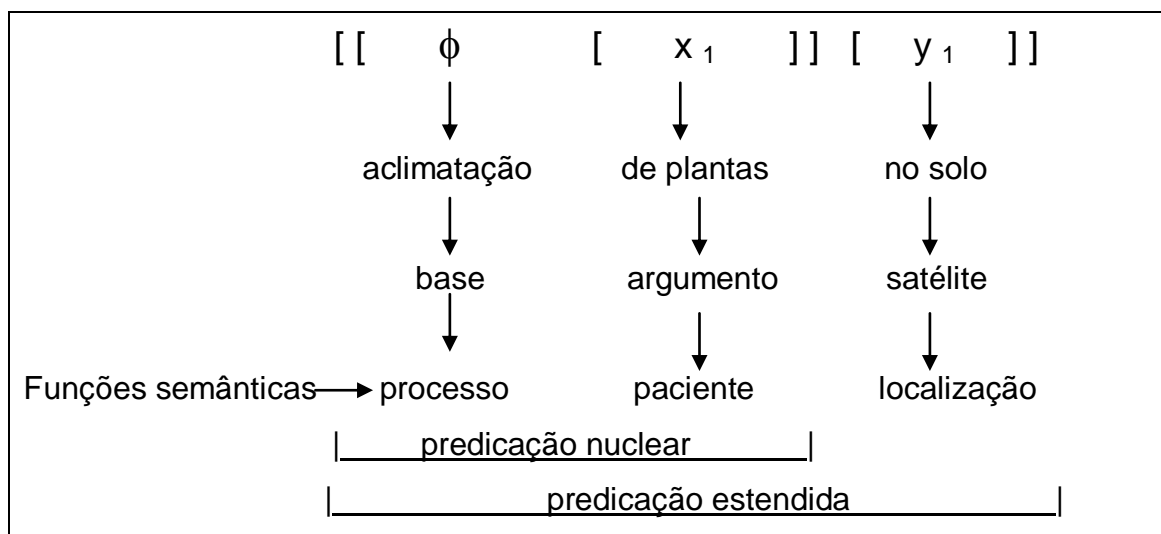
Segundo Café (1999: 27), os argumentos e os satélites também agem sobre a base, fornecendo-lhe precisão semântica, pois têm a função de restringir o significado de toda a UTC. “Esta incidência entre os argumentos e a base e entre os satélites e a predicação nuclear é igualmente representada pela regra de formação.” Esta incidência é assim descrita por Café (1999: 27):

*Como podemos constatar no exemplo precedente, os elementos **de plantas e no solo** têm a função de restringir o significado da UTC. Esta função de restrição varia conforme o*

*elemento, se argumento ou se satélite. De um lado, o argumento **de plantas** atua diretamente sobre a base formando a predicação nuclear **aclimatação de plantas**. Do outro, o satélite **no solo**, que tem a função semântica de **localização**, influi sobre toda a predicação nuclear, formando a predicação estendida **aclimatação de plantas no solo**. Aliás, uma das principais características dos satélites, é justamente obter uma ligação com a predicação nuclear e não somente com a base como é o caso do argumento (Café, 1999: 27).*

A sistematização destes conceitos pode ser analisada na seguinte representação de Café (1999: 28):

Figura 8 – Representação da regra de formação e das funções semânticas da UTC



A autora argumenta que a **Figura 8** sistematiza os dados de sua pesquisa, na medida em que sua aplicação permite obter muitos esclarecimentos sobre a questão da “predicação sintático-semântica” das UTCs, uma vez que fornecem as propriedades funcionais (suas funções semânticas, sintáticas e pragmáticas) e as relações (entre base, argumentos e satélites) no seu interior.

3.2.2. Funções semânticas, sintáticas e pragmáticas das UTCs

Para Café (1999: 28), a interpretação semântica, sintática e pragmática dos elementos de uma UTC fornece as propriedades e as relações no interior de uma UTC. Assim, pode-se ter diferentes funções conforme as propriedades funcionais da cada elemento que compõe a unidade.

Uma vez que, como já foi dito, o foco recai sobre a análise de unidades complexas pertencentes à LE, a autora, em sua adaptação de um modelo da oração para descrever o léxico, apresenta a lista das funções semânticas que correspondem às necessidades de sua pesquisa: *ação, agente, posse, meta, composição, atitude, efeito, entidade, estado, forma, agrupamento, instrumento, intensidade, localização, modo, paciente, processo, propriedade, resultado, fonte*.

A análise semântica das UTCs seguirá os passos descritos por Café (1999: 30), a saber:

No primeiro momento, estas funções são descritas para cada elemento da UTC considerando-se a relação entre eles. Esta maneira de fazer auxilia-nos a estabelecer, num segundo momento, os diferentes tipos de relações conceituais que existem entre a base e os argumentos e entre a predicação nuclear e os satélites. A meta final é estabelecer uma espécie de rede conceptual que representará todas as idéias expressas pelas funções e as relações semânticas da UTC.

Com estes procedimentos, Café descreve a rede conceptual que carrega o novo conceito a ser expresso pela UTC. Afinal, como já foi dito no Capítulo 2, a UTC, ao gerar um novo sentido dentro de uma LE, carrega uma nova referencialidade distinta daquela de seus elementos constitutivos. Esta nova referencialidade surge através da relação conceptual entre seus elementos.

Quanto às funções sintáticas, Café destaca 4 tipos: *sujeito, complemento do nome, adjunto do nome e complemento circunstancial*.

No que concerne à função sintática *sujeito*, ela é reservada para a base da UTC, pois é o elemento que centraliza a carga informacional do ponto de vista do comportamento sintático da unidade.

Café alerta para o fato de que a função *sujeito* não deve ser considerada como necessariamente ligada a uma única função semântica, quer dizer, a função sintática de *sujeito* pode receber a função semântica de *agente* ou de *entidade* ou de *processo*, etc., conforme será demonstrado na **Tabela 3**, mais abaixo. Sobre isto, Dik (1977: 121) observa que:

A interpretação de Sujeito pode também ser auxiliada pelo fato de que a GF não o identifica com o Agente no lado semântico, nem com Tópico ou com qualquer outra função pragmática no lado pragmático, embora nas expressões lingüísticas atuais as funções de Agente e Sujeito, de Sujeito e Tópico, ou de Agente, Sujeito, e Tópico coincidirão freqüentemente no mesmo constituinte.

Da terminologia da Biotecnologia dos Vegetais, Café (1999: 32) extraiu várias UTCs que ilustram a diversidade das funções semânticas para a função sintática de *sujeito*, conforme a tabela abaixo:

Tabela 3 – Funções sintáticas e semânticas das bases das UTCs no âmbito da Biotecnologia dos Vegetais

UTC	Base da UTC	Função sintática da Base da UTC	Função semântica da base da UTC
Agente redutor	Agente	Sujeito	Agente
Agregado de células	Agregado	Sujeito	Agrupamento
Árvore elite adulta	Árvore	Sujeito	Entidade
Propagação clonal rápida	Propagação	Sujeito	Processo
Sítio ativo	Sítio	Sujeito	Localização

Como podemos observar na **Tabela 3**, embora todas as bases das UTCs apresentadas tenham a função sintática de *sujeito*, sua função semântica não está restrita ao papel de *agente*.

A função sintática *complemento do nome*, segundo a autora, corresponde àquela que a tradição intitula de “complemento nominal”, isto é, elemento com preposição que se liga a um substantivo, um adjetivo ou um advérbio que integre ou limite o sentido. Este é o caso do argumento *de células* na UTC *agregado de células*.

A função *adjunto do nome*, por sua vez, tem seu correspondente no que a tradição chama de “adjunto adnominal”, quer dizer, um elemento com valor de adjetivo que especifica ou delimita o significado do substantivo. Embora forneça novas informações, ainda assim, o *adjunto do nome* é um elemento de caráter acessório, uma vez que não é indispensável para a compreensão da unidade. Como exemplo, tem-se o argumento *ativo* na UTC *sítio ativo*.

Café utiliza-se de dois critérios para que se processe a distinção entre as funções sintáticas *complemento do nome* e *adjunto do nome* segundo os critérios semântico-estruturais. Isto significa que um elemento irá receber uma destas funções levando-se em conta: o tipo de base da UTC e o fato de o argumento ser ou não introduzido por uma preposição.

Segundo a autora, é preciso assinalar que a atribuição destes critérios é sempre fundamentada na semântica. Isto é, ainda que vários critérios possam ser aplicados, é principalmente a partir de critérios de natureza semântica, existentes entre a base e seus argumentos, que será possível estabelecer uma distinção entre as funções sintáticas *complemento do nome* ou *adjunto do nome*²⁰.

²⁰ Nesta pesquisa, diferentemente da concepção tradicional, a distinção entre as funções sintáticas de *adjunto do nome* e *complemento do nome* irá considerar o fato de o argumento ser ou não introduzido por uma preposição, uma vez que Café não apresentou nenhuma ocorrência do que a **tradição** considera como “adjunto adnominal preposicionado”. Assim, ao argumento não preposicionado corresponderá a função sintática de *adjunto do nome*, enquanto ao preposicionado corresponderá a função sintática de *complemento do nome*.

Quanto à função sintática *complemento circunstancial*, esta é reservada aos elementos da UTC que pertencem à classe dos advérbios, como na UTC espécie **altamente** endógama, ou que se originaram da categoria gramatical dita locução adverbial²¹, como na UTC *hibridação in situ*.

À luz do pensamento funcionalista, Café interpreta o *complemento circunstancial* como o elemento que tem função de *advérbio nuclear* ou de *advérbio estendido* dentro da estrutura de uma UTC. Assim, o advérbio pode ter uma relação quer com um adjetivo (dentro de sua lista de argumentos) quer com a UTC inteira. Quando a relação se fizer com o adjetivo, o advérbio é chamado *advérbio nuclear*. Quando houver um advérbio que tem relação com a UTC tomada como um todo, ele é chamado *advérbio estendido*. Nas regras de formação, enquanto os *advérbios estendidos* são analisados como os satélites porque têm as mesmas características relacionais, os *advérbios nucleares* serão analisados como os argumentos e vão sempre estar presentes dentro da predicação nuclear.

Visto que a sintaxe revela o conteúdo semântico da UTC, a autora argumenta que sua classificação é tanto de ordem sintática como de ordem semântica.

Seguem alguns exemplos, extraídos de Café (1999: 35-36):

(13) a) UTCs que comportam, no plano sintático, um advérbio nuclear:

- cloroplasto **fotosinteticamente** competente;
- DNA **altamente** repetitivo;
- espécie **altamente** endógama;
- espécie **sexualmente** compatível.

b) UTCs com advérbios expandidos (i. é, locuções adverbiais):

- aclimação de plantas **no solo**;
- antera **in vitro**;
- hibridação **in situ**.

²¹ Café (1999: 34) diz que considerou “a locução adverbial como uma categoria gramatical uma vez que na gramática da língua portuguesa ela é classificada como uma subcategoria da categoria advérbio. De fato, dentro dos pressupostos de nossa pesquisa, veremos que a denominação locução adverbial é reservada para as expressões latinas do tipo *in vivo*, *in vitro*, *in situ*, etc. No *Le Nouveau Petit Robert*, estas expressões são igualmente classificadas como pertencentes às locuções adverbiais (v. 1995).”

Para a função pragmática, Café manteve a terminologia proposta por Dik: *tópico* e *foco*. Estes rótulos, segundo Dik, são o resultado da organização de uma situação de comunicação entre um emissor e um receptor. Assim, conforme Dik (1977: 173):

O Tópico e o Foco são usados para captar a organização que os falantes impõem sobre as predicções com respeito à informação pragmática do falante e do destinatário num determinado intercâmbio de comunicação.

Para a autora, Dik trata unicamente do ato de comunicação na LG. Contudo, reencontra-se uma situação análoga em LE, mas estas guardam suas próprias particularidades. Como o especialista busca habitualmente uma eficácia máxima dentro de uma situação de comunicação, pode-se dizer que este comportamento será expresso na terminologia utilizada por este mesmo especialista, a qual poderá ser analisada pelas funções pragmáticas.

Com base nessa argumentação, a autora adaptou os rótulos da seguinte maneira:

- *tópico*: é a função atribuída à base da UTC, àquela na qual todos os argumentos e satélites fazem referência a fim de precisar o objeto de comunicação em descrevendo, explicando ou situando esta base.
- *foco*: é a função atribuída aos termos da UTC, os quais especificam o estatuto informacional do elemento tópico (base da UTC), ou seja, o foco pontua a informação do tópico.

Para a demonstração da aplicação das funções pragmáticas, segue um exemplo fornecido por Café (1999: 38):

(14) UTC → célula hospedeira receptora

- onde:
- tópico = célula
- foco = hospedeira
- foco = receptora

Ainda sobre a aplicação e análise das funções pragmáticas, Café (1999: 38-39) observa que:

Estas funções, tópico e foco, analisam-se sobre o plano da comunicação especializada da terminologia. A UTC é então considerada como uma unidade de comunicação entre os especialistas. Ela tem um valor de instrumento de comunicação útil no meio científico e técnico. Fazendo parte da comunicação das LEs, as UTCs utilizam mecanismos lingüísticos para atender o objetivo da eficácia comunicativa. Estes mecanismos são regidos pelas regras semânticas, sintáticas e pragmáticas. Analisando estas regras (aqui interpretadas como as funções) atingiremos nossa meta que é determinar o comportamento lingüístico das UTCs.

A aplicação da perspectiva funcional para LE, implementada por Café no método da “predicação”, permitiu a proposição de dez regras de formação de UTCs. A partir da análise do uso dos termos no âmbito da Biotecnologia dos Vegetais, a autora interpretou essas regras para melhor compreender o funcionamento das UTCs. O resultado dessa interpretação funcional foi utilizado para elaborar algumas estratégias para a concepção de uma lógica de extração terminológica para inteligência artificial orientada na direção da modelização desses conhecimentos lingüísticos²².

A interpretação desses aspectos (regras de formação e as funções semânticas, sintáticas e pragmáticas) resultou em um conhecimento mais aprofundado dos mecanismos de funcionamento das UTCs e sua conseqüente aplicação nos processos de automação. Assim, a autora propõe várias estratégias nos níveis morfossintático e semântico, os quais têm acesso a uma base de conhecimentos da predicação. Todo o conteúdo dessa base foi construído sobre os resultados da análise e da interpretação dos dados empregados durante a pesquisa.

Os resultados da pesquisa de Café estão sistematizados na **Tabela 4**, a seguir:

²² A elaboração de estratégias para a concepção de uma lógica de extração terminológica para inteligência artificial foram desenvolvidas no Centro de Pesquisas do Canadá, sob orientação de Pierre Auger.

Tabela 4 – As regras de formação de UTCs no âmbito da Biotecnologia dos Vegetais

Regras de formação	UTC
(1) $\phi [x_1]$	Embriogênese somática
(2) $[\phi [x_1] [y_1]]$	Recombinação homóloga in vivo
(3) $\phi [y_1]$	Embriogênese in vitro
(4) $\phi [x_1 [x_{1/1}]]$	Cultura de tecidos de plantas
(5) $\phi [x_1 [x_{1/1} [x_{1/1/1}]]]$	Vetor de clonagem de genes de plantas
(6) $\phi [x_1] [x_2]$	Árvore elite adulta
(7) $\phi [x_1] [x_2 [x_{1/2}]]]$	Clone sadio livre de virose
(8) $\phi [x_1] [x_2 [x_{1/2} [x_{1/1/2}]]]]]$	Propagação clonal com fidelidade ao tipo original
(9) $\phi [x_1 [x_{1/1}]] [x_2 [x_{1/2}]]]$	Bactéria de vida livre fixadora de nitrogênio
(10) $\phi [x_1][x_2][x_3]$	Componente genômico nuclear de plantas

A **Tabela 4** apresenta as dez regras de formação das UTCs na LE estudada pela autora.

Nas tabelas que seguem, serão apresentadas as especificações de ϕ ²³ para o argumento, para o satélite e para os advérbios (seja como argumento ou como satélite).

²³ ϕ é uma variável que corresponde à base da UTC.

Tabela 5 – Especificações de ϕ para o argumento $\rightarrow [\phi [x_1]]$

Maioria de bases estáticas		Genoma nuclear
Maior parte de padrão [N [SA]]		Célula somática
Não		Bactéria não virulenta
Artigo no interior da estrutura [N [SP]]		Axila da folha
Base sempre <u>sujeito</u>		
argumento	Adjunto adnominal	Base genética
	Complemento nominal	Mapa de restrição
	Complemento circunstancial	Propagação em massa

A **Tabela 5** mostra as especificações de ϕ para o argumento nas estruturas em que há a seleção de apenas um argumento, isto é, estruturas do tipo [base + argumento]. Como se vê, tanto *sintagmas adjetivais* quanto *sintagmas preposicionais* podem ser selecionados por ϕ para ocuparem a posição de argumento. Portanto, neste tipo de estrutura, o argumento poderá ter função sintática de adjunto adnominal, complemento nominal ou complemento circunstancial.

Tabela 6 – Especificações de ϕ para o satélite $\rightarrow [\phi [y_1]]$ e $[[\phi [x_1]] [y_1]]$

Presença de satélites		
$[\phi [y_1]]$ – relação direta com a base		Cultura in vitro
Satélites	Sintagma preposicional	Aclimação de plantas no solo
	Locução adverbial	Cultura de anteras in vitro
Satélites – complemento circunstancial		Recombinação homóloga in vivo
Satélites – localização e estado		Mutagênese in vitro / antera in vivo
$[\phi [x_1]] [y_1]$	$[[N [SA]][SAdv]]$	Propagação clonal in vitro
	$[[N [SP]][SAdv]]$	Cultura de anteras in vitro
$[\phi [y_1]] - [N [SAdv]]$		Polinização in vitro

A **Tabela 6** mostra as especificações de ϕ para o satélite. Como se vê, independentemente da presença ou não de um argumento, nestes tipos de estruturas o satélite terá sua posição ocupada por um *sintagma preposicional* ou por uma *locução adverbial*. Portanto, aos satélites, neste tipo de estrutura, caberá a função sintática de complemento circunstancial.

Tabela 7 – Especificações de ϕ para advérbios (argumentos ou satélites)

$[\phi[x_1[x_{1/1}]]]$ e $[\phi[x_1[x_{1/1} [x_{1/1/1}]]]]$	
<ul style="list-style-type: none"> • encadeamento de UTC • argumentos – advérbios e expansões – advérbios 	
Argumentos – advérbios	Planta genotipicamente uniforme
Expansões – advérbios	Família de seqüências moderadamente repetitivas

A **Tabela 7** apresenta as especificações de ϕ quando os argumentos ou expansões têm seus lugares preenchidos por advérbios.

Então, na ótica que estamos examinando, isto é, segundo Café, a natureza funcional de sua análise justifica-se pela sistematização dos três tipos de funções – semântica, sintática e pragmática – presentes nas UTCs. Contudo, seu peculiar enfoque teórico – elidir a estrutura da predicação com as funções que lhe são pertinentes – promove uma substancial adaptação para a descrição e análise dos mecanismos lingüísticos utilizados na terminologia da Biotecnologia de Vegetais.

As diferenças entre a GF de Dik e a natureza funcional do recorte de Café serão o foco da próxima seção.

3.3. Perspectivas funcionais: contrapondo DIK (1977) e CAFÉ (1999)

Nas seções 3.1 e 3.2, apresentamos o modelo funcional proposto por Dik (1977) e a aplicação de tal modelo a uma LE (Café, 1999). É importante ressaltarmos que, para Dik, a GF atua no âmbito da LC com foco nas “orações nucleares”; para Café, este paradigma será adaptado ao âmbito da LE com foco nas UTCs, porque, como vimos no Capítulo 2, o objeto da Terminologia é o termo, o qual apresenta especificidade de sentido e identifica um conceito no âmbito da LE.

Assim, os princípios fundamentais da teoria de Dik, os quais foram concebidos para abarcar a amplitude de uma oração, foram adaptados e restringidos às necessidades de um objeto aparentemente menor, se comparado à oração, mas que carrega em si toda a complexidade de propriedades e relações inerentes a uma “predicação nuclear”.

Nesse sentido, a predicação nuclear em Dik corresponde à aplicação de um predicado a um número apropriado de termos que funcionam como argumentos desse predicado. Em Café, a predicação é formada de uma base (termo central da UTC) e de argumentos. Em ambas as perspectivas – “uma perspectiva funcional da língua comum” e “uma perspectiva funcional aplicada a linguagens de especialidade” – a predicação nuclear pode ser estendida mediante a inserção de satélites.

Os satélites, como vimos, são os termos opcionais, enquanto que os argumentos são os termos necessários para a definição do estado de coisas; assim, argumentos e satélites têm o mesmo estatuto funcional e a mesma estrutura interna.

A estrutura geral das predicações, segundo Dik, prescinde dos seguintes critérios: regra de formação das predicações, regra de formação de termos, função semântica, função sintática, função pragmática, regras de expressão, marca de casos e ordem dos constituintes. Desses critérios, Café selecionou aqueles que estavam presentes nas UTCs – a predicação e suas respectivas funções – e os transformou nos quatro critérios básicos para aplicação de uma análise de natureza funcional ao âmbito das LEs com o foco nas UTCs, quais sejam: regra de formação de UTCs, função sintática, função semântica e função pragmática.

Na tabela a seguir, apresentamos as diferenças cruciais dos enfoques de Dik e de Café para o mesmo modelo, a GF:

Tabela 8 – Perspectivas funcionais: contrapondo Dik e Café

	Dik (1977)	Café (1999)
Âmbito	LC	LE
Foco	Oração	UTC
Predicação	= predicado + termos	= base + Termos
Estrutura: - predicação - termos	[[[$\phi(x_1)(x_2)...(x_n)$](y_1)(y_2)...(y_n)]] ($\omega x_1 : \phi_1(x_1) : \dots : \phi_n(x_i)$)	$\omega = [[\phi [(x_1)(x_2)...(x_n)]] [(y_1)(y_2)...(y_n)]]$
Função Semântica	HFS: Ag>Met>Rec>Bem>Instr>Loc>Temp	não hierarquizadas: ação, agente, posse, meta, composição, atitude, efeito, entidade, estado, forma, agrupamento, instrumento, intensidade, localização, modo, paciente, processo, propriedade, resultado, fonte.
Função Sintática	<ul style="list-style-type: none"> • sujeito • objeto 	<ul style="list-style-type: none"> • sujeito • complemento do nome • adjunto do nome • complemento circunstancial
Função pragmática	<ul style="list-style-type: none"> • externa: tema e apêndice • interna: tópico e foco 	<ul style="list-style-type: none"> • tópico • foco

Como podemos observar, ao privilegiar a análise do comportamento das UTCs na Biotecnologia dos Vegetais, Café promoveu uma adaptação substancial dos quatro critérios básicos da GF aos elementos naturais de um termo complexo. Isto é, a alteração não se processa apenas quanto ao âmbito, mas, principalmente, quanto ao foco, ao redirecionar e circunscrever o contexto de sua análise aos limites de uma UTC. Ou seja, o contexto oracional, em Café, transforma-se nas fronteiras do termo complexo e, portanto, focaliza o contexto interno de suas partes.

Assim é que, para a função semântica, não caberá uma hierarquia exigida numa construção mais ampla como a oração. Aqui, importa a informação semântica de cada elemento da UTC e a relação conceptual que se estabelece para a construção do novo conceito que esta unidade expressa numa determinada LE.

Quanto à função sintática, esta será direccionada para as propriedades e relações inerentes aos nomes, o que obviamente excluirá a função de *objeto*. Então, caberá à base da UTC receber a função sintática de *sujeito*, uma vez que é este elemento que centraliza a carga informacional sobre o comportamento sintático da unidade. Como a base apresenta as propriedades inerentes aos nomes, seus argumentos e/ou satélites, inevitavelmente, assumirão os papéis de *complemento do nome*, ou *adjunto do nome* ou *complemento circunstancial*, de acordo com a estrutura sintática exigida pela predicação.

Já a função pragmática terá seu escopo limitado pelas relações internas de *tópico* e *foco*, uma vez que a análise está circunscrita aos limites da própria unidade. Quer dizer, aqui o contexto para a análise pragmática não ultrapassa as fronteiras dos elementos que compõem uma UTC e, portanto, diferem crucialmente da análise pragmática aplicada em Dik.

Quanto à ordem dos elementos, não incluída no quadro acima, Café fixou a função de *sujeito* à base, por ser o elemento centralizador das relações semântico-sintáticas da unidade. No que se refere às funções pragmáticas, o *tópico* foi atribuído à base e o *foco* aos termos desta mesma unidade.

Resumo:

Neste capítulo, sintetizamos o modelo teórico proposto por Dik, o qual, voltado para a análise das expressões lingüísticas de uma LC, tem na predicação o cerne de sua aplicação. Na seqüência, temos a adaptação deste paradigma, proposto por Café, para análise de UTCs no âmbito de uma LE, bem como os resultados obtidos em sua pesquisa. Ao final, a comparação destas duas perspectivas permitiu-nos constatar que a diferença crucial está, na verdade,

no objeto de análise, o qual, com suas propriedades e relações intrínsecas, naturalmente delimita os critérios que lhe serão próprios em uma situação de investigação.

Como já se disse, este estudo pretende investigar o comportamento das UTCs no âmbito da LE e, para tanto, assumiremos os resultados de Café (1999), isto é, estamos considerando que as dez regras identificadas por Café (1999) sejam recorrentes em outras linguagens de especialidade. Assim, a partir daqui, faremos a aplicação dos resultados de Café (1999) a um *corpus* extraído da Análise Sensorial Enológica, com a finalidade de verificar se as regras de formação serão confirmadas ou expandidas.

No próximo capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos necessários ao desenvolvimento desta pesquisa.

CAPÍTULO 4

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é investigar o comportamento das UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica, no presente capítulo, apresentaremos os procedimentos adotados por Lara (1999)²⁴ para a coleta e o tratamento automático dos dados²⁵.

Passemos, pois, à organização do *corpus* e posterior análise.

4.1. Procedimentos para a coleta de dados²⁶

Segundo Lara (1999: 16), “a etapa fundamental de um glossário é a coleta de dados em textos documentais, de base e auxiliares, que respaldem o linguísta de informações fidedignas”.

²⁴ Lara (1999) é um subprojeto, intitulado *Análise Sensorial Enológica: uma proposta de elaboração de um glossário técnico*, do Projeto INTERCON, coordenado pela Prof^a Dr^a Sabrina Pereira de Abreu. Para maiores informações, veja Abreu & Lara (2000).

²⁵ Considerando que o *corpus* deste estudo corresponde às UTCs fornecidas por Lara (1999), os procedimentos apresentados nas seções 4.1. e 4.2. descrevem fielmente os procedimentos e informações relatadas no projeto intitulado *Análise Sensorial Enológica: uma proposta de elaboração de um glossário técnico*.

²⁶ Cabe salientar que o trabalho terminográfico de Lara (1999) encontra-se em andamento e, por isso, até o momento, tanto a recolha quanto a automação dos dados corresponde a uma amostragem piloto de toda a fonte bibliográfica que o autor apresentou no seu projeto. O *corpus* que será examinado nesta pesquisa corresponde fielmente às 121 formas complexas (UTCs) fornecidas por Lara (1999).

Para a coleta inicial de dados, Lara (1999) privilegiou a seguinte *fonte documental*:

RATTI, R. (1984) *Como degustar os vinhos*. In: _____. Manual do degustador. Bento Gonçalves: Edições AEB Latino Americana.

Desta fonte, foi extraído o *corpus*, o qual passou por escaneamento e pela necessária correção antes de receber o tratamento computacional.

Na próxima seção, apresentaremos o tratamento automático dos dados para a recolha e armazenamento dos termos.

4.2. Procedimentos para o tratamento automático dos dados

Para o tratamento computacional²⁷ do *corpus*, foram testados três programas computacionais desenvolvidos por Henri Zinglé (ZTermino, ZLoc, ZText), da *Université de Nice – Sophia Antipolis (France)*.

O programa computacional ZTermino é um sistema que usa a tecnologia ZStation²⁸ para a constituição e gestão de bases de dados terminológicos, elaborando um pequeno glossário para teste. Além da implementação terminológica clássica, o ZTermino também é útil para recuperação de documentos e para a tradução.

O programa computacional ZLoc também utiliza a tecnologia ZStation para o tratamento das unidades fraseológicas e a constituição rápida de glossários, impressos ou eletrônicos.

O programa computacional ZText, com a tecnologia ZStation para análise preliminar do *corpus*, permite catalogar documentos e explorar o *corpus* com ênfase particular nas unidades léxicas simples, complexas e associadas.

²⁷ A importância de um processo de automação para a pesquisa terminológica é basicamente reduzir os custos com relação ao tempo de execução das tarefas terminográficas.

²⁸ O ZStation (Zinglé, 1997 e ss.) se apresenta como um ambiente de engenharia lingüística fundamentado nos métodos da inteligência artificial voltado para a modelização dos conhecimentos lingüísticos com vistas às aplicações ligadas ao tratamento automático das línguas.

Este software fornece uma listagem de todos os termos presentes em um determinado *corpus* textual, indicando todos os respectivos contextos de ocorrência para cada termo listado.

A partir destes programas, conforme descrito por Lara em seu projeto, pode-se:

1. gerir (ou consultar) bancos de dados bibliográficos;
2. indexar termos, para levantar dados numéricos de frequência e disponibilidade de ocorrências nos textos;
3. preencher (ou gerir) bancos de dados terminológicos que servirão de conteúdo para o glossário técnico;
4. gerir (ou consultar) bancos de dados morfo-lexicais, tendo como substrato bases morfológicas (ou radicais) para controle de hiperônimos e de hipônimos;
5. armazenar os dados (conteúdo do glossário) de acordo com a maneira como as entradas deverão ser ordenadas; se em ordem alfabética; se de modo sistemático, por campos léxicos;
6. editar o glossário técnico sob diversos suportes: disquetes, texto impresso, CD-ROM, impressões várias, etc.

Para a fase inicial de organização do léxico no âmbito da Análise Sensorial Enológica, foi aplicado o software ZText.

Com este sistema computacional, a partir de um dado *corpus* textual e da aplicação de *filtros*, obtêm-se uma listagem de termos com os seus respectivos contextos.

Os *filtros* correspondem aos itens lexicais que jamais poderão constituir um termo. Assim, os “itens puramente gramaticais” (artigos, pronomes demonstrativos, pronomes relativos, conjunções, pontuação, etc),

obrigatoriamente, constituíram o primeiro *filtro* aplicado ao *corpus* em questão. A seguir, apresentamos, a título de exemplificação, o primeiro *filtro* aplicado ao *corpus* examinado, conforme **Figura 9**:

Figura 9 – Filtro 1: “itens puramente gramaticais”

o a os as um uma uns umas este esta isto estes estas esse essa isso esses
 essas aquele aquela aquilo aqueles aquelas deste desta disto destes destas
 desse dessa disso desses dessas daquele daquela daquilo daqueles daquelas
 neste nesta nisto nestes nestas nesse nessa nisso nesses nessas naquele
 naquela naquilo naqueles naquelas àquele àquela àquilo àqueles àquelas que
 quem qual quais cujo cuja cujos cujas onde donde aonde quê porque porquê
 quanto quanta quantos quantas quando como algum alguma alguém alguns
 algumas nenhum nenhuma ninguém algo nada tudo outrem outro outra outros
 outras todo toda todos todas cada qualquer de com por em a para do da dos
 das pelo pela pelos pelas no na nos nas ao às aos à abaixo debaixo embaixo
 baixo acima cima ante perante antes após redor até atrás detrás acerca
 conforme contra depois desde diante defronte dentro durante entre exceto
 afora junto sem sob sobre e nem também mas porém contudo entretanto
 todavia ou logo pois ainda portanto aqui ali cá lá ontem hoje amanhã bem mal
 talvez tão bastante quão assim ora outrossim tal tais tampouco .

Na seqüência, as listagens passam pela aplicação de novos filtros, devendo a listagem “final” sofrer o crivo da consultoria técnica, ou seja, passar pela análise de um especialista da área de conhecimento²⁹.

Então, para resumir, os procedimentos de recolha e o processo de automação, pelos quais as fontes documentais passaram, são os seguintes:

- a) escolha da fonte documental, indicada por especialista da área;
- b) escaneamento da fonte;
- c) elaboração de filtros para a busca;

²⁹ A consultoria técnica do subprojeto *Análise Sensorial Enológica* está sob a responsabilidade do Prof. M. Sc. Vicente Manfroí, do Instituto de Engenharia de Alimentos da UFRGS.

- d) aplicação de programas de gerenciamento de dados;
- e) confirmação da consultoria técnica; e
- f) edição das listagens.

Cumpramos registrar que, na presente pesquisa, apenas compilamos os resultados encontrados, por Lara (1999) para a elaboração de um glossário técnico no âmbito da Análise Sensorial Enológica, com o objetivo de analisar as propriedades sintático-semânticas, segundo modelo funcional, das linguagens de especialidade.

Na próxima seção, apresentaremos os critérios utilizados nesta pesquisa para a organização das 121 UTCs que compõem o *corpus* que será examinado.

4.3. A organização das UTCs no léxico da Análise Sensorial Enológica

Partindo das 121 UTCs resultantes da pesquisa de Lara (1999), as quais integram o *corpus* da presente pesquisa, o primeiro passo para análise consistiu em separá-las de acordo com as regras de formação propostas por Café (1999). A seguir, cada conjunto de UTCs foi reordenado de acordo com as representações sintáticas e morfológicas pertinentes a cada uma das regras.

Assim, primeiramente, para cada UTC, foi reescrita a fórmula sintática e a fórmula morfológica. Após a identificação da estrutura morfossintática da UTC, buscamos a correspondente regra de formação, de acordo com os padrões de formação propostos no modelo de Café. Além disso, cada elemento constitutivo da UTC foi analisado e classificado quanto ao seu papel dentro da predicação (isto é, base, argumento ou satélite); a sua categoria gramatical; a sua função semântica; a sua função sintática; e, a sua função pragmática. O resultado pode ser observado na **Tabela 9**, na qual, a título de exemplificação, apresentamos a descrição da UTC “acidez fixa”:

Tabela 9 – Descrição de UTC

1ª UTC:	ACIDEZ FIXA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) acidez	(2) fixa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Efeito	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

Resumo:

No presente capítulo, apresentamos os passos operacionais e o funcionamento dos programas de automação utilizados por Lara (1999) durante a coleta e o tratamento dos dados. Na seqüência, partindo dos resultados encontrados em Café (1999), apresentamos os procedimentos adotados nesta pesquisa para a classificação e ordenamento das UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica.

O próximo capítulo trará a análise e discussão das 121 UTCs examinadas.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

No presente capítulo, apresentaremos a organização das UTCs no léxico da Análise Sensorial Enológica. Para tanto, na seção **5.1**, retomaremos, para fins de clareza, as estruturas resultantes do trabalho de Café (1999), as quais nortearam toda a análise.

A análise privilegiará não só as UTCs *intra*³⁰ *corpus*, as ocorrências de bases elípticas e alguns casos “especiais”, mas também as UTCs *extra*³¹ *corpus*, obtidas a partir de uma recolha “casual”³².

Passemos às estruturas propostas por Café (1999), já descritas no Capítulo 3 desta dissertação.

5.1. A representação sintática e morfológica das regras de formação

Com a finalidade de dar maior visibilidade aos resultados encontrados em Café (1999), apresentaremos, a seguir, um esquema que resume o conjunto das regras de formação com a indicação das suas respectivas fórmulas sintáticas e morfológicas.

³⁰ A designação de *intra*, ou seja, aquilo que pertence ao *corpus*, está identificada na seção **5.2**.

³¹ A designação de *extra*, ou seja, aquilo que não pertence ao *corpus*, está identificada na seção **5.3**.

³² A definição do que entendemos por “casual” está na seção **5.3**.

Antes, porém, cabe apresentar a legenda correspondente às abreviaturas das fórmulas sintáticas e morfológicas de cada regra:

- para fórmula sintática: N = sintagma nominal; SA = sintagma adjetival; SP = sintagma preposicional; SAdv = sintagma adverbial.
- para fórmula morfológica: N = nome; Adj = adjetivo; P = preposição; (D) = determinante opcional; Loc Adv = locução adverbial.

Vejamos as regras elencadas por Café (1999: 145-220):

Figura 10 – Representação sintática e morfológica das regras de formação de UTCs

Regra 1 = $[\phi [x_1]]$	$\left\{ \begin{array}{l} [N [SA]] \rightarrow [N [Adj]] \\ [N [SP]] \rightarrow [N [P + (D) + N]] \end{array} \right.$
Regra 2 = $[[\phi [x_1]] [y_1]]$	$\left\{ \begin{array}{l} [[N [SP]] [SP]] \rightarrow [[N [P + (D) + N]] \\ [N [SA]] [SAdv]] \rightarrow [N [Adj]] [Loc Adv] \\ [N [SP]] [SAdv]] \rightarrow [N [P+(D)+N]] [Loc Adv] \end{array} \right.$
Regra 3 = $[\phi [y_1]]$	$\longrightarrow [N [SAdv]] \rightarrow [N [Loc Adv]]$
Regra 4 = $[\phi [x_1 [x_{1/1}]]]$	$\left\{ \begin{array}{l} [N [SP [SA]]] \rightarrow [N [P+(D)+N [Adj]]] \\ [N [SA [SP]]] \rightarrow [N [Adj [P+N]]] \\ [N [SP [SP]]] \rightarrow [N [P+N [P+(D)+N]]] \\ [N [SAdv [SA]]] \rightarrow [N [Adv [Adj]]] \end{array} \right.$
Regra 5 = $[\phi [x_1 [x_{1/1} [x_{1/1/1}]]]]$	$\left\{ \begin{array}{l} [N [SP [SP [SP]]]] \rightarrow [N [P+N [P+N [P+N]]]] \\ [N [SA [SP [SA]]]] \rightarrow [N [Adj [P+N [Adj]]]] \\ [N [SP [SAdv [SA]]]] \rightarrow [N [P+N [Adv [Adj]]]] \\ [N [SA [SP [SP]]]] \rightarrow [N [Adj [P+N [P+N]]]] \end{array} \right.$
Regra 6 = $[\phi [x_1] [x_2]]$	$\left\{ \begin{array}{l} [N [SA] [SA]] \rightarrow [N [Adj] [Adj]] \\ [N [SP] [SP]] \rightarrow [N [P+N] [P+N]] \\ [N [SA] [SP]] \rightarrow [N [Adj] [P+N]] \end{array} \right.$
Regra 7 = $[\phi [x_1] [x_2 [x_{1/2}]]]$	$\left\{ \begin{array}{l} [N [SA] [SAdv [SA]]] \rightarrow [N [Adj] [Adv [Adj]]] \\ [N [SA] [SA [SP]]] \rightarrow [N [Adj] [Adj [P+N]]] \end{array} \right.$
Regra 8 = $[\phi [x_1] [x_2 [x_{1/2} [x_{1/1/2}]]]]$	$\longrightarrow [N [SA] [SP [SP [SA]]]] \rightarrow [N [Adj] [P+N [P+D+N [Adj]]]]$
Regra 9 = $[\phi [x_1 [x_{1/1}]] [x_2 [x_{1/2}]]]$	$\longrightarrow [N [SP [SA]]] [AS [SP]] \rightarrow [N [P+N [Adj]]] [Adj [P+N]]$
Regra 10 = $[\phi [x_1] [x_2] [x_3]]$	$\left\{ \begin{array}{l} [N [SP] [SA] [SA]] \rightarrow [N [P+N] [Adj] [Adj]] \\ [N [SA] [SA] [SP]] \rightarrow [N [Adj] [Adj] [P+N]] \end{array} \right.$

Como se observa na **Figura 10**, as regras de formação correspondem às seguintes estruturas:

- regra 1 = [base [argumento]];
- regra 2 = [[base [argumento] [satélite]]];
- regra 3 = [base [satélite]];
- regra 4 = [base [argumento₁ [argumento_{1/1}]]];
- regra 5 = [base [argumento₁ [argumento_{1/1} [argumento_{1/1/1}]]]];
- regra 6 = [base [argumento₁] [argumento₂]];
- regra 7 = [base [argumento₁] [argumento₂ [argumento_{1/2}]]];
- regra 8 = [base [argumento₁] [argumento₂ [argumento_{1/2} [argumento_{1/1/2}]]]];
- regra 9 = [base [argumento₁ [argumento_{1/1}]] [argumento₂ [argumento_{1/2}]]];
- regra 10 = [base [argumento₁] [argumento₂] [argumento₃]];

Assim, a partir daqui, estaremos examinando as 121 ocorrências encontradas por Lara (1999), tentando verificar a produtividade de cada uma dessas regras.

5.2. As UTCs *intra corpus*

Como já se disse, as UTCs *intra corpus* (v. Anexo 1) são as 121 unidades coletadas e tratadas computacionalmente, conforme descrito no Capítulo 4, as quais passamos a analisar.

5.2.1. Regras de formação das UTCs *intra corpus*

As UTCs foram agrupadas de acordo com a complexidade estrutural de cada uma delas e a respectiva regra. Assim, o primeiro passo da análise permitiu uma visão geral do padrão morfossintático destas unidades na linguagem da Análise Sensorial Enológica. Para melhor visualização dos

resultados encontrados, apresentamos, abaixo, uma tabela comparativa com os resultados de Café (1999).

Tabela 10 – Ocorrência de UTCs por regra de formação

Regras	Biotecnologia dos Vegetais ³³		Análise Sensorial Enológica	
	nº	%	nº	%
Regra 1	100	47.61	104	86.00
Regra 2	9	4.28	0	0.00
Regra 3	13	6.19	0	0.00
Regra 4	39	18.57	0	0.00
Regra 5	10	4.76	0	0.00
Regra 6	31	14.76	1	1.00
Regra 7	4	1.90	0	0.00
Regra 8	1	0.47	0	0.00
Regra 9	1	0.47	0	0.00
Regra 10	2	0.95	0	0.00
Desvios³⁴	0	0.00	16	13.00
TOTAL	210	100	121	100

Como podemos observar na **Tabela 10** acima, o padrão de formação de UTCs nas duas linguagens apresentou considerável diferença. Enquanto os resultados de Café (1999) indicam maior produtividade da Regra 1 (47,61%) com expressiva ocorrência também das Regras 4 (18,57%) e 6 (14,76%), os resultados desta pesquisa revelam que a Regra 1 (86,00%) é o padrão no âmbito da Análise Sensorial Enológica.

Considerando que o objetivo desta pesquisa é investigar o comportamento das UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica, os

³³ As informações referentes à linguagem da Biotecnologia dos Vegetais foram extraídas da Tabela 4.1 de Café (1999: 120).

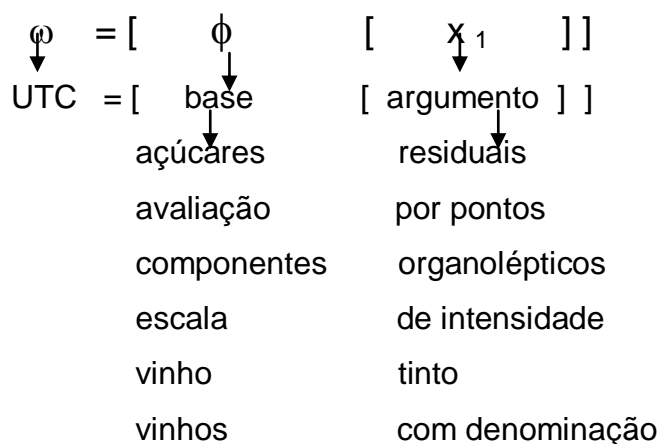
³⁴ Este tópico será desenvolvido nas seções 5.4. (base elíptica) e 5.5. (casos especiais).

números da **Tabela 10** são substanciais, na medida em que indicam um padrão comportamental diferente para as duas linguagens, aqui comparadas. Isto é, a Biotecnologia dos Vegetais apresentou 47,61% de ocorrências contra 86,00% na Análise Sensorial Enológica para as unidades com estrutura do tipo da Regra 1.

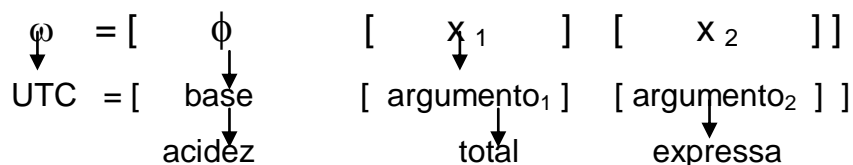
Também é relevante o fato de que, na Análise Sensorial Enológica, as estruturas do tipo das Regras 4 e 6, expressivas na Biotecnologia dos Vegetais, indicaram uma ocorrência insignificante para compor o seu padrão estrutural de formação para as unidades complexas.

Para melhor compreensão dos resultados no âmbito da Análise Sensorial Enológica, vejamos alguns exemplos (conforme Anexo 2):

(15) UTCs com estrutura do tipo da Regra 1



(16) UTCs com estrutura do tipo da Regra 6



Como se vê, no exemplo (15), todas as UTCs constituem-se de [base + argumento] – estrutura aqui denominada de Regra 1; enquanto, no exemplo (16), a única ocorrência é constituída de [base + argumento + argumento] – estrutura aqui denominada de Regra 6. Portanto, em (15) temos algumas das **104 UTCs** que, na **Tabela 10**, assinalaram a Regra 1 como padrão de formação no léxico da Análise Sensorial Enológica.

5.2.2. A ocorrência padrão das UTCs *intra corpus*

A ocorrência padrão corresponde à regra mais produtiva no âmbito da Análise Sensorial Enológica, isto é, a Regra 1, com 86% de ocorrência no *corpus* aqui investigado.

Conforme mencionamos na seção 5.1, a Regra 1 é constituída da seguinte fórmula sintática e representação em fórmula morfológica:

Figura 11 – Representações sintáticas e morfológicas da Regra 1 = [ϕ [x_1]]

<p>Fórmula sintática → Fórmula morfológica</p> <p>[N [SA]] → [N [Adj]]</p> <p>[N [SP]] → [N [P + (D) + N]]</p>
--

A **Figura 11** contém as duas possibilidades de representação sintática, com a respectiva representação morfológica, para as estruturas do tipo da Regra 1. Assim, para este tipo de formação, a posição de base (ϕ) será sempre ocupada por um nome (N), mas o seu argumento (X_1), conforme as exigências sintáticas da base, poderá ter seu lugar preenchido por um sintagma adjetival (SA) ou por um sintagma preposicional (SP). O sintagma adjetival corresponde morfológicamente ao grupo dos adjetivos (Adj). O sintagma preposicional, conforme representado na **Figura 11**, pressupõe a combinação de uma preposição (P) com um nome (N), podendo haver a exigência ou não de um determinante (D). Como o determinante não é obrigatório em todos os SPs, na representação da fórmula morfológica sua abreviatura aparece entre parênteses.

Assim, as unidades que apresentaram o padrão de formação da Regra 1 podem ser reordenadas de acordo com as representações da **Figura 11**.

A leitura desta figura permite perceber os tipos de argumentos selecionados pela base dentro de uma predicação nuclear do tipo da Regra 1. Quer dizer que a posição de argumento será preenchida ou por adjetivos ou por sintagmas preposicionais.

Ao reagruparmos as UTCs de acordo com a categoria gramatical do argumento, os resultados indicaram maior incidência da categoria gramatical dos adjetivos, resultados estes igualmente compartilhados por Café (1999: 135). Observe-se, contudo, que a ocorrência de sintagmas preposicionais é mais expressiva na Análise Sensorial Enológica do que na Biotecnologia dos Vegetais, conforme demonstra a tabela abaixo:

Tabela 11 – Categoria gramatical do argumento na Regra 1

Categoria gramatical do argumento	Biotecnologia dos Vegetais		Análise Sensorial Enológica	
	nº	%	nº	%
Adjetivo	81	81.00	72	69.23
Sintagma preposicional	19	19.00	32	30.77
TOTAL	100	100	104	100

Esta tabela mostra que 81,00% dos argumentos da Biotecnologia dos Vegetais e 69,23% dos argumentos da Análise Sensorial Enológica pertencem à classe gramatical dos adjetivos. Quer dizer, nas duas linguagens há uma substancial preferência por adjetivos na posição de argumento. Contudo, enquanto na Biotecnologia dos Vegetais a ocorrência de sintagmas preposicionais para o argumento é de apenas 19,00%, na Análise Sensorial Enológica há uma ocorrência significativa de 30,77%. Portanto, nestas duas linguagens, as bases, nas estruturas do tipo da Regra 1, preferencialmente requerem um adjetivo para a posição de argumento. Assim, apesar de, na Análise Sensorial Enológica, haver uma ocorrência significativa de sintagmas preposicionais para a posição de argumento, é inegável a maior produtividade para a formação do tipo [nome + adjetivo].

Considerando-se estes resultados, torna-se pertinente verificarmos a correspondente função sintática dos argumentos em estruturas do tipo da Regra 1.

5.2.2.1. Função sintática do argumento

Como a função sintática de sujeito foi, por Café (1999), fixada ao elemento de base das UTCs, faremos a comparação entre os resultados encontrados e os de Café para o tipo de função sintática do argumento.

Tabela 12 – Função sintática do argumento na Regra 1

Função sintática do argumento	Biotecnologia dos Vegetais		Análise Sensorial Enológica	
	nº	%	nº	%
Adjunto do nome	91	91.00	72	69.23
Complemento do nome	4	4.00	32	30.77
Complemento circunstancial	5	5.00	0	0.00
TOTAL	100	100	104	100

Procedendo a leitura dos dados apresentados, verificamos as diferenças entre as duas linguagens, embora, em ambas, prevaleça a função sintática de *adjunto do nome* para os argumentos das predicções nucleares do tipo da Regra 1.

5.2.2.2. Função semântica³⁵

Para ilustrar adequadamente os resultados na linguagem aqui investigada, apresentamos, primeiramente, a tabela com as funções semânticas da base.

³⁵ Para análise da função semântica dos elementos (base e argumentos) que compõem as UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica, adotamos a mesma nomenclatura de Café (v. Anexo 4).

Tabela 13 – Função semântica da base na Regra 1

Função semântica da base	Biotecnologia dos Vegetais		Análise Sensorial Enológica	
	nº	%	nº	%
Agente	17	17.00	0	0.00
Agrupamento	3	3.00	0	0.00
Efeito	1	1.00	4	3.85
Entidade	41	41.00	66	63.46
Estado	0	0.00	1	0.96
Localização	7	7.00	0	0.00
Processo	31	31.00	33	31.73
TOTAL	100	100	104	100

Como podemos observar na **Tabela 13** acima, há uma maior ocorrência das funções semânticas *entidade* e *processo* em ambas as linguagens. Porém, apesar de essas linguagens privilegiarem as mesmas funções semânticas para a base de suas UTCs, é notória a diferença em seus percentuais de ocorrência. Enquanto que, na Biotecnologia dos Vegetais, os resultados indicam 41,00% para a função semântica *entidade* e 31,00% para *processo*; na Análise Sensorial Enológica, os resultados são de 63,46% para *entidade* e 31,73% para *processo*. Isto revela que, embora haja uma equivalência quanto à função semântica *processo* nas duas linguagens, inegavelmente a função semântica *entidade* assume a preferência para a base das UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica. Ou seja, o padrão semântico para a base, nesta linguagem, assinala 63,46% para *entidade* contra apenas 31,73% para *processo*, conforme exemplificamos em (17):

(17) a) UTCs com função semântica *entidade* para a base:

- **avelã** tostada
- **borracha** queimada
- **células** da mucosa

b) UTCs com função semântica *processo* para a base:

- **graduação** alcoólica
- **individuação** das características

A próxima tabela apresentará os resultados sobre a função semântica dos argumentos nas UTCs que integram o conjunto de unidades da Regra 1.

Tabela 14 – Função semântica do argumento na Regra 1

Função semântica do argumento	Biotecnologia dos Vegetais		Análise Sensorial Enológica	
	nº	%	nº	%
Ação	1	1.00	0	0.00
Agente	4	4.00	0	0.00
Capacidade	12	12.00	0	0.00
Efeito	14	14.00	0	0.00
Entidade	5	5.00	0	0.00
Estado	4	4.00	5	4.81
Fonte	2	2.00	0	0.00
Forma	1	1.00	0	0.00
Intensidade	1	1.00	0	0.00
Localização	6	6.00	6	5.77
Modo	10	10.00	4	3.85
Paciente	12	12.00	5	4.81
Propriedade	12	12.00	56	53.84
Resultado	3	3.00	0	0.00
Vínculo	13	13.00	28	26.92
TOTAL	100	100	104	100

Aqui, a leitura dos dados revela considerável diferença entre os resultados das duas pesquisas. Enquanto na Biotecnologia dos Vegetais a ocorrência se dilui entre as funções; na Análise Sensorial Enológica a

ocorrência privilegia as funções semânticas de *propriedade* (53,84%) e *vínculo* (26,92%), conforme exemplificamos em (18):

(18) a) UTCs com função semântica *propriedade* para o argumento:

- impressões **olfativas**
- julgamento **geral**
- matéria **corante**

b) UTCs com função semântica *vínculo* para o argumento:

- substâncias **aromáticas**
- uvas **americanas**

Analisando os dados das **Tabelas 13 e 14**, percebe-se a equivalência na função semântica da base para as duas linguagens exploradas, mas há divergência na seleção semântica para os argumentos. Isto evidencia a importância das funções semânticas na exploração de dados e extração de unidades, sejam elas simples, compostas ou complexas.

Nesta seção, constatamos que 86,00% das UTCs têm um padrão estrutural do tipo da Regra 1, isto é, a sua base agrega-se um argumento, o qual, em 69,23% dos casos, pertence à categoria gramatical dos adjetivos. Os restantes 30,77% são sintagmas preposicionais. Assim, para a função sintática do argumento, as ocorrências foram de 69,23% de *adjuntos do nome* contra 30,77% de *complementos do nome*. Além disso, também obtivemos dados relevantes para as funções semânticas. Estas indicaram que para o elemento base a ocorrência é de 63,46% como *entidade* contra 31,73% como *processo*, enquanto para o argumento é de 53,84% de *propriedade* contra 26,92% de *vínculo*.

Na seção seguinte, faremos a apresentação e análise das UTCs *extra corpus* no âmbito da Análise Sensorial Enológica, as quais, embora não integrem o *corpus* oficial desta pesquisa, confirmam o comportamento deste tipo de unidade nesta LE.

5.3. As UTCs *extra corpus*

Como já dissemos, estas 177 UTCs (v. Anexo 3) foram coletadas durante a leitura casual de parte das seguintes *fontes documentais*:

AMARANTE, J. O. A. (1983) *Vinhos do Brasil e do mundo para conhecer e beber*. São Paulo: Summus Editorial.

CATALUÑA, E. (1988) *As uvas e os vinhos*. Publicações Globo Rural. Rio de Janeiro: Ed. Globo.

LONA, A. A. (1996) *Vinhos – degustação, elaboração e serviço*. Porto Alegre: AGE Editora.

SCHROEDER, O. B. (1985) *Iniciação ao vinho*. Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina.

RATTI, R. (1984) *Como degustar os vinhos*. In: _____. Manual do degustador. Bento Gonçalves: Edições AEB Latino Americana.

Antes de apresentar a análise destas unidades, é importante esclarecermos o que significa, aqui, “leitura casual”. Assim, ao buscarmos por contextos que comprovassem o fenômeno de base elíptica (a ser analisado na seção 5.4), acidentalmente, recebemos fragmentos das fontes acima referenciadas, ao invés da fonte que recebeu o tratamento computacional descrito no Capítulo 4. Portanto, a denominação desta seção de **UTCs *extra corpus***, antes de mais nada, indica que estas unidades não sofreram os procedimentos metodológicos que constam do Capítulo 4, nem tão pouco passaram pelo crivo de qualquer especialista da área de conhecimento em questão. Então, isto quer dizer que sua recolha, apesar de aleatória, e sem um tratamento automático, seguiu os quatro critérios básicos da proposta de Café, ou seja, estrutura de formação de UTCs, função semântica, função sintática e função pragmática.

Considerando que o objetivo desta pesquisa é estudar o comportamento das UTCs partindo das regras de formação de Café, para estas unidades

adicionais, a análise será limitada às regras e suas respectivas fórmulas sintáticas e morfológicas.

Assim, ao agruparmos estas unidades por regra, obtivemos um resultado equivalente ao das 121 UTCs que integram o *corpus* estudado, conforme demonstramos na seção 5.2. Passamos, então, à tabela comparativa, a fim de evidenciarmos a confirmação do padrão morfossintático das UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica.

Tabela 15 – UTCs da Análise Sensorial Enológica por regra de formação

Regras de formação	UTCs <i>intra corpus</i>		UTCs <i>extra corpus</i>	
	nº	%	nº	%
Regra 1	104	86.00	129	72.88
Regra 4	0	0.00	5	2.82
Regra 5	0	0.00	2	1.14
Regra 6	1	1.00	29	16.38
Desvios	16	13.00	12	6.78
TOTAL	121	100	177	100

A leitura da **Tabela 15** evidencia a produtividade da Regra 1 em ambos os *corpus*, isto é 86,00% num e 72,88% no outro.

Quanto aos resultados para a Regra 6, com 16,38% no segundo grupo, devemos considerar que, apesar do resultado pouco expressivo, os dados examinados nesta LE correspondem a uma amostragem piloto.

Como a Regra 1 apresenta uma produtividade maior em ambos os *corpus*, consideramos importante analisar, também, o padrão para a categoria gramatical do argumento. Para tanto, segue a respectiva tabela comparativa.

Tabela 16 – Categoria gramatical do argumento na Regra 1 para UTCs da Análise Sensorial Enológica

Categoria gramatical do argumento	UTCs <i>intra corpus</i>		UTCs <i>extra corpus</i>	
	nº	%	nº	%
Adjetivo	72	69.23	84	65.12
Sintagma preposicional	32	30.77	45	34.88
TOTAL	104	100	129	100

A **Tabela 16** indica uma ocorrência de 69,23% de adjetivos contra 30,77% de sintagmas preposicionais para as UTCs *intra corpus* e 65,12% de adjetivos contra 34,88% de sintagmas preposicionais para as UTCs *extra corpus*.

Como podemos observar, mais uma vez, a leitura dos dados confirma que a categoria gramatical dos *adjetivos* é a mais exigida pelas bases das UTCs nesta LE, cabendo ao *sintagma preposicional* uma ocorrência significativa.

5.4. Base elíptica

Nesta seção, trataremos de uma parte das UTCs *intra corpus* que, na seção **5.2.1**, foram alocadas na linha intitulada “desvios”. Assim, a presente análise estará voltada para 12 UTCs, arroladas abaixo:

1. amarelo-âmbar
2. amarelo-dourado
3. amarelo-palha
4. anidrido carbônico
5. anidrido sulfuroso
6. branco com reflexos
7. branco com reflexos alaranjados
8. branco com reflexos amarelados

9. branco com reflexos esverdeados
10. branco papel
11. reflexos amarelados
12. tintos jovens

Primeiramente, faz-se necessário apresentar alguns exemplos destas unidades em suas ocorrências, observando se efetivamente há a *elipse* do elemento base nestas UTCs.

Cor

A análise deste quesito permite verificar a sanidade e o grau de envelhecimento do vinho.

Os **vinhos tintos**, à medida que envelhecem, passam do **vermelho-rubi** para o **atijolado**.

Os **vinhos rosados** possuem tonalidades que vão do **rosa** ao **laranja**. Os **vinhos brancos** possuem diversas colorações: **incolor**, **verde palha amarelado**, **amarelo-claro**, **amarelo-dourado**, **amarelo-âmbar**. O envelhecimento e a oxidação tendem a escurecer as cores para **âmbar-escuro**. Hoje, a tendência mundial, iniciada na Alemanha, é elaborar **vinhos brancos de cor amarelo-palha**.

(Amarante, 1983)

Os **vinhos brancos** devem ser leves, os **rosados** médios e os **tintos** encorpados.

(Amarante, 1983)

Os dois fragmentos acima permitem perceber, a partir das unidades destacadas, que há claramente a *elipse* da base, e que, dependendo do contexto, a mesma pode ser preenchida pelas unidades lexicais “cor”, “tonalidade” ou “vinho”.

Esta constatação é de suma importância, uma vez que incidirá diretamente na estrutura morfossintática de toda a UTC, bem como nas suas funções (sintáticas, pragmáticas e semânticas). Afinal, no modelo proposto por

Café, cabe ao elemento de base determinar toda a estrutura da unidade, bem como as funções (sintáticas, semânticas e pragmáticas) que a compõe.

Vejamos mais um exemplo:

Quando nos referimos à presença de gás, falamos do **anidrido carbônico**, que é um componente natural, formado durante o processo fermentativo e que freqüentemente permanece dissolvido (...)

Porém, o **anidrido carbônico** também poderá ser visível na forma de pequenas bolhas, em vinhos alterados pela ação de bactérias ou leveduras.

(Lona, 1996)

Neste fragmento, o contexto evidencia a elipse da base, que é a unidade lexical “gás”.

Como na proposta de Café (1999) não há qualquer indicação de ocorrência de *elipse* da base, é preciso pensar nas possíveis implicações, como já se disse acima, para a estrutura morfossintática da unidade. Isto é, de que maneira os demais elementos de uma unidade que apresenta sua base elíptica podem resgatar e/ou manter as características intrínsecas desta base?

Independentemente de ser ou não um processo possível em outras LEs, faz-se necessário formalizar este tipo de ocorrência, a fim de que se viabilize a automação destas unidades pelos estudiosos, sejam eles especialistas da área, terminólogos ou lexicógrafos.

Na próxima seção, vamos examinar as quatro UTCs *intra corpus* restantes daquelas indicadas como “desvios”.

5.5. Casos especiais

Aqui, trataremos de uma pequena parcela das 16 UTCs *intra corpus* que, na seção 5.2.1, foram alocadas na linha intitulada “desvios”.

Estas quatro UTCs apresentaram uma representação morfossintática diferente daquelas contempladas nos resultados de Café, conforme já apresentado na seção 5.1. São elas:

1. análise química
2. aspiração direta³⁶
3. sensação de amargo
4. sensação de doce

As duas primeiras UTCs têm a seguinte estrutura:

(19) [Fórmula sintática] → [Fórmula morfológica]
 [N [SN]] → [N [N]]

Para as duas últimas UTCs, a estrutura é a seguinte:

(20) [Fórmula sintática] → [Fórmula morfológica]
 [N [SP]] → [N [P + Adj]]

A análise destas duas estruturas remete imediatamente à representação da Regra 1, apresentada na seção 5.2.2, que retomo abaixo:

(21) [Fórmula sintática] → [Fórmula morfológica]
 [N [SA]] → [N [Adj]]
 [N [SP]] → [N [P + (D) + N]]

Como se vê, as quatro UTCs têm o mesmo padrão da Regra 1, diferindo na categoria gramatical para a composição do argumento.

Considerando que o número de ocorrências não é expressivo neste *corpus* de 121 UTCs, torna-se necessária a ampliação dos dados para que se verifique a possibilidade de inclusão destas estruturas morfossintáticas na Regra 1.

Partindo da análise acima apresentada, retomaremos os resultados obtidos através de uma sistematização gráfica, para uma visualização global do comportamento das UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica.

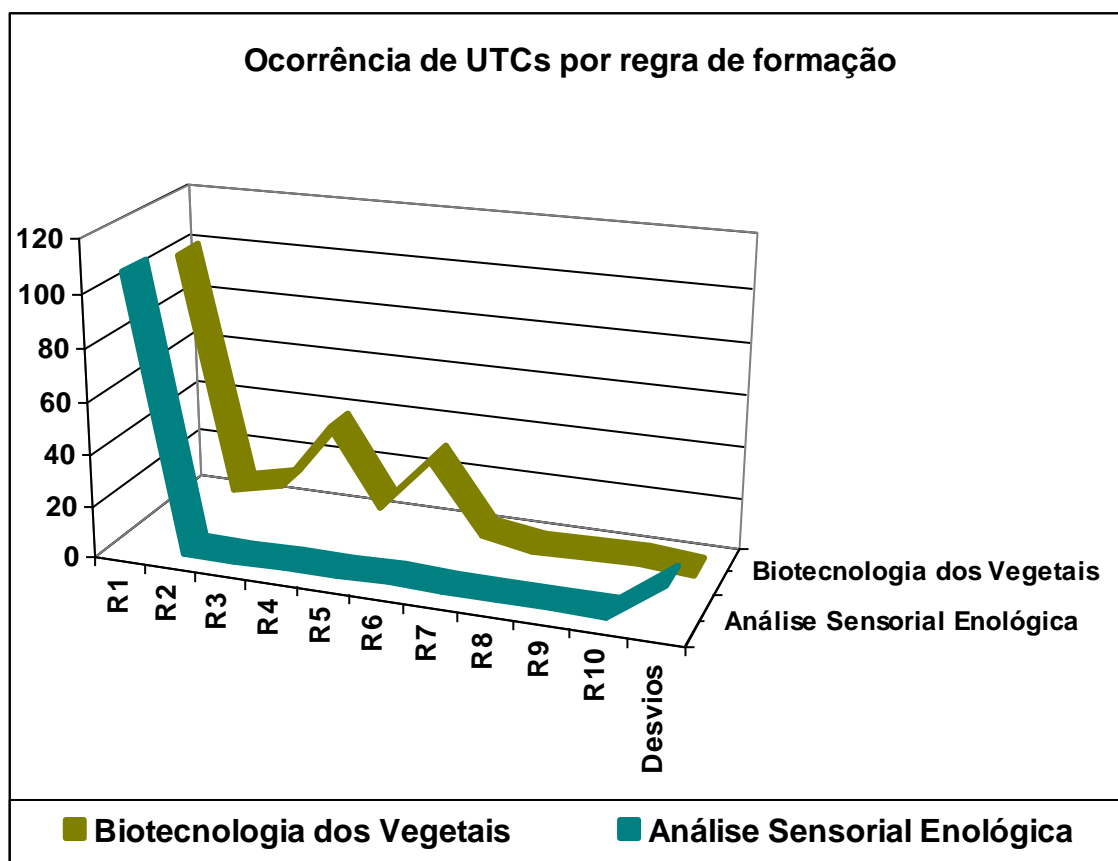
Reiterando, neste capítulo, além do *corpus* fornecido por Lara, o qual denominamos de **UTCs *intra corpus***, também analisamos dados adicionais, obtidos casualmente e denominados de **UTCs *extra corpus***. Toda a análise

³⁶ A classificação para 1 e 2 segue rigorosamente a classificação dicionarística (Aurélio XXI).

esteve voltada para as **121** unidades do *corpus* estudado, sendo as **177** unidades extras utilizadas apenas para confirmar o padrão de formação das UTCs do léxico na área da Análise Sensorial Enológica.

Iniciamos a análise pelas dez regras propostas por Café. Para tanto, distribuimos o *corpus* conforme sua ocorrência, comparando os resultados com os de Café, o que permitiu gerar o seguinte gráfico³⁷:

Gráfico 1 – Ocorrência de UTCs por regra de formação

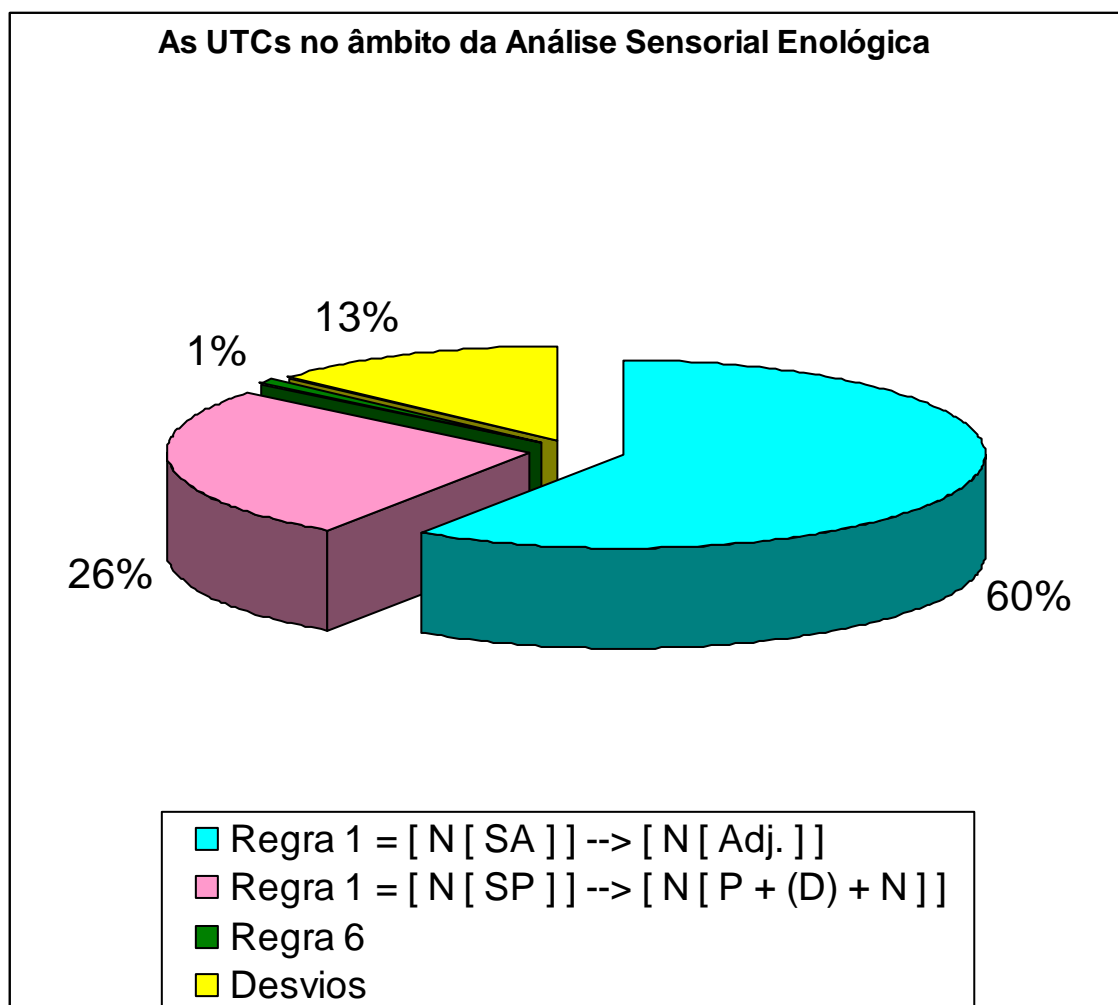


Este gráfico revela que, tanto na Análise Sensorial Enológica quanto na Biotecnologia dos Vegetais, a **Regra 1** representa a estrutura mais produtiva para a formação de UTCs.

O próximo gráfico mostrará, com maior clareza, os resultados da presente pesquisa, já contendo o desdobramento da Regra 1 de acordo com sua representação morfossintática.

³⁷ Este gráfico corresponde ao quadro apresentado na seção 5.2.1 (regras de formação).

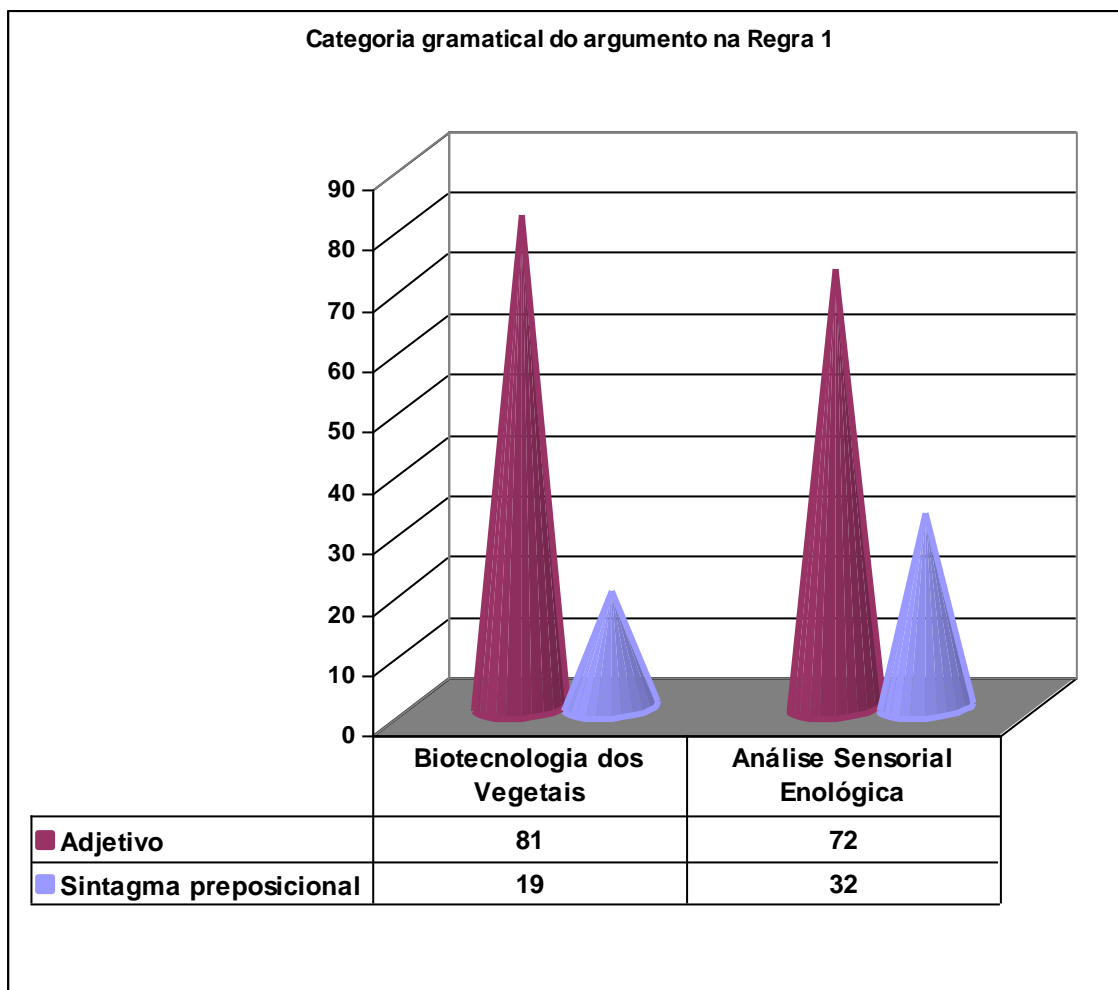
Gráfico 2 – As UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica



A observação deste gráfico permite perceber que o elemento de base em 60% das UTCs com padrão da Regra 1 exige um argumento pertencente à categoria gramatical dos *adjetivos* contra 26% de *sintagmas preposicionais*.

Ao compararmos os resultados acima com os de Café, constatou-se que a categoria *adjetivo*, para os argumentos na Regra 1, efetivamente se confirma como a mais produtiva. Contudo, a categoria de *sintagma preposicional* apresentou uma ocorrência mais expressiva no âmbito da Análise Sensorial Enológica, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Categoria gramatical do argumento na Regra 1



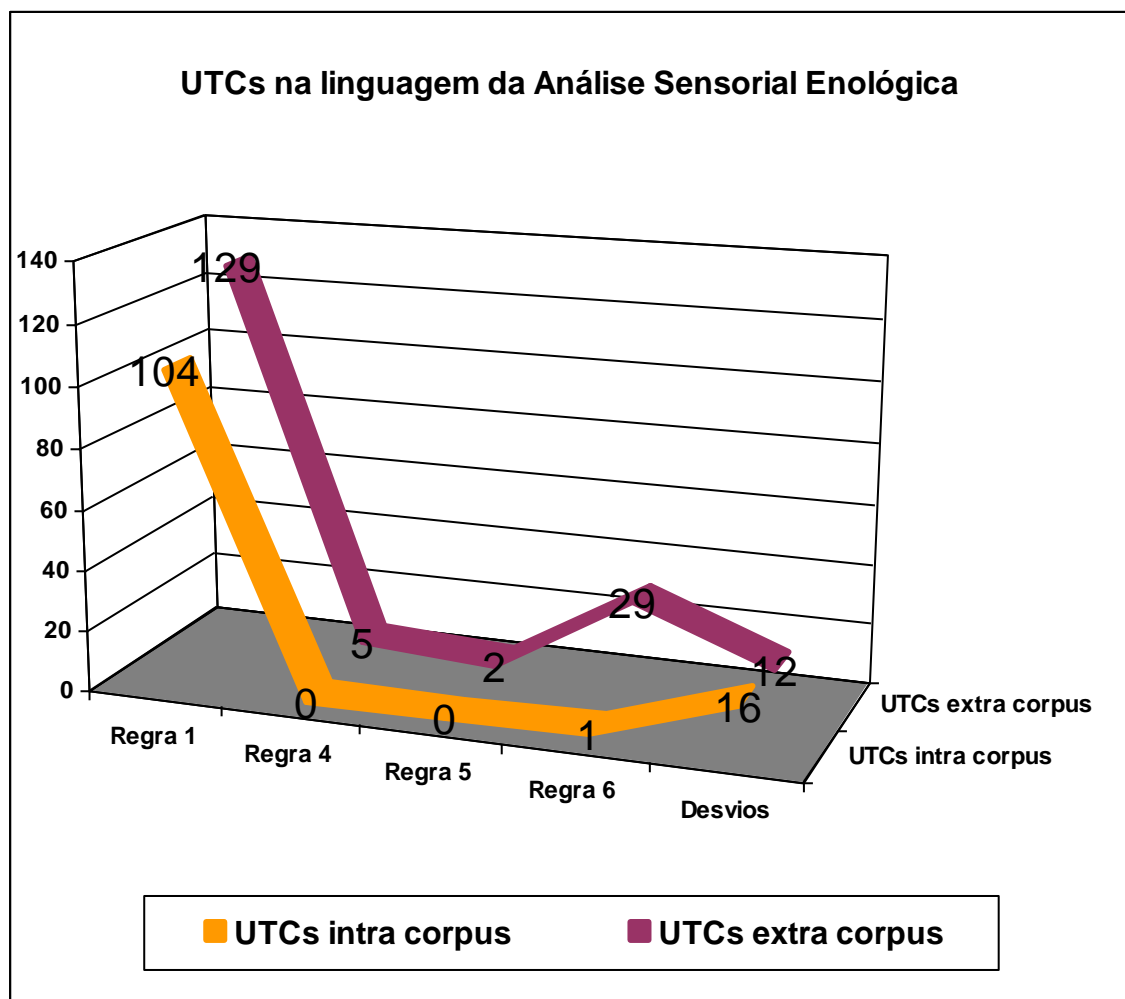
Neste gráfico, fica demonstrado que a base preferentemente exige um argumento da categoria gramatical dos *adjetivos* (72 UTCs, isto é 69,23%). Isto determina que a função sintática de *adjunto do nome* seja a mais exigida pela base.

Quanto à função semântica, na Análise Sensorial Enológica, os resultados indicaram 63,46% como *entidade* e 31,73% como *processo* para a base, enquanto que para o argumento a indicação foi de 53,84% como *propriedade* e 26,92% como *vínculo*.

Como até aqui, a análise apontou exclusivamente para o padrão do tipo da Regra 1, utilizamos as **UTCs *extra corpus*** na tentativa de verificarmos a procedência deste padrão, uma vez que o *corpus* desta pesquisa partiu de uma amostragem piloto.

O gráfico, a seguir, mostra as ocorrências nos dois grupos de dados (*intra e extra corpus*) das UTCs.

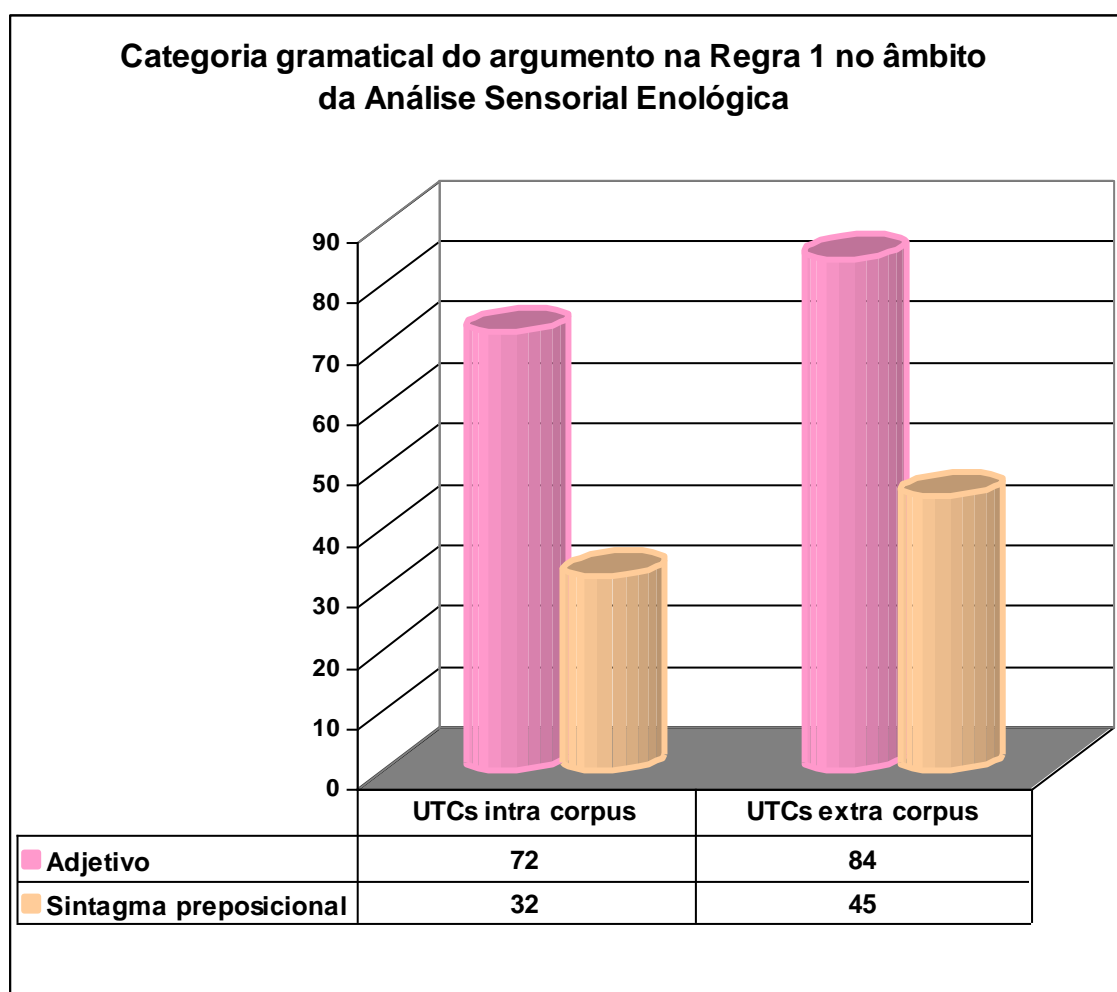
Gráfico 4 – UTCs na linguagem da Análise Sensorial Enológica



A evidência de produtividade da Regra 1 é inegável nesta LE, porém é preciso chamar a atenção para o número de ocorrências da Regra 6 nos dados *extra corpus*, pois estas 29 ocorrências, além de representarem um número significativo da Regra 6, podem ser um índice de produtividade em uma pesquisa que explore um número maior de UTCs neste domínio.

Além da confirmação de maior ocorrência de UTCs no padrão da Regra 1, constatou-se que a estrutura morfossintática e a categoria gramatical do argumento também confirmam a preferência de seleção de *adjetivos* pela base destas unidades, conforme pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 5 – Categoria gramatical do argumento na Regra 1 no âmbito da Análise Sensorial Enológica



A partir do que demonstramos, é possível afirmarmos que as UTCs, no léxico da Análise Sensorial Enológica, têm um comportamento próprio para designar seus conceitos. Tanto que, embora em pequena escala, encontramos o que foi denominado de “desvios”, os quais foram apresentados nas seções **5.4** (base elíptica) e **5.5** (casos especiais).

Os casos de **base elíptica** corresponderam a apenas 12 unidades das UTCs *intra corpus*, cujo processo só pode ser confirmado através da análise do contexto no qual estas unidades foram utilizadas. Embora as ocorrências não sejam expressivas neste *corpus*, consideramos possível que este processo caracterize o comportamento das UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica. Assim, faz-se necessária a verificação e conseqüente confirmação da ocorrência de base elíptica em outras fontes documentais, buscando exaurir sua terminologia, uma vez que sua formalização poderá redirecionar a análise e viabilizar a automação das mesmas.

Quanto aos chamados **casos especiais**, as unidades, aqui classificadas, poderão indicar novas possibilidades de se representar sintática e morfologicamente a composição estrutural das UTCs. Ao que tudo indica, caso se confirmem estas ocorrências, elas irão ampliar as representações da Regra 1, pois a relação de seus elementos é do tipo [base [argumento]]. Contudo, como já se disse, somente abarcando o conjunto de UTCs do léxico da Análise Sensorial Enológica é que será possível fazer qualquer afirmação sobre os casos que, nesta pesquisa, foram considerados como “desvios”.

Reiterando, a análise que apresentamos não exaure o léxico da Análise Sensorial Enológica, tendo em vista que outras fontes documentais devem ser examinadas, mas assinala claramente que a predicação nuclear do tipo [ϕ [x_1]] (Regra 1) é, com certeza, um dos padrões de formação no âmbito da Análise Sensorial Enológica. No entanto, no que diz respeito às funções (sintática, semântica e pragmática), o processo de elipse da base constitui-se num ponto de partida para futuras pesquisas.

Resumo:

Neste capítulo, apresentamos a análise do *corpus* amparada na proposta de Café de regras de formação de UTCs. Assim, a comparação dos resultados revelou que o padrão morfossintático na Análise Sensorial Enológica privilegia a predicação nuclear composta por estruturas do tipo da Regra 1 (base + argumento). Acrescentando a isto os resultados extraídos das UTCs *extra corpus*, confirmamos a efetiva produtividade da Regra 1. Além disso, também foram detectadas unidades nas quais as bases sofreram o processo de elipse e mais duas possibilidades de representação morfossintática para a Regra 1.

Agora, passaremos às conclusões desta pesquisa.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa pretendeu estudar o comportamento das UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica, partindo das regras de formação de UTCs apresentadas em Café (1999).

No primeiro capítulo, vimos que a Terminologia, como ciência integrante da Lexicologia, estuda a constituição das LEs, objetivando a compilação, descrição, tratamento e apresentação dos termos próprios dos campos especializados. Portanto, ao investigarmos o comportamento das UTCs, esta pesquisa insere-se especificamente no âmbito terminológico.

No segundo capítulo, verificamos que a unidade básica da Terminologia, o termo, enquanto unidade, pode se manifestar em formas simples ou complexas. Como o foco desta pesquisa são as unidades complexas, utilizamos a designação de UTCs, por considerarmos que esta denominação comporta, com adequação, todas as características intrínsecas ao estatuto de unidade lexical. Nesse sentido, as Unidades Terminológicas Complexas (UTCs) são estruturas sintáticas lexicalizadas nos textos de domínio específico, resultantes da intrínseca relação sintática (morfológica e semântica). Ao assumir o estatuto de palavra, as UTCs consagram as unidades de sentidos e os conceitos próprios de cada âmbito.

No terceiro capítulo, apresentamos os pressupostos funcionalistas de Dik (1977), contrapondo-os aos de Café (1999), tendo em vista que o estudo que encetamos se aplica, especificamente, ao léxico de uma LE.

Dik (1977), como mostramos, ao conceber a GF no âmbito da LC, estabeleceu uma perspectiva de análise voltada para a oração, abarcando a complexidade de propriedades e relações inerentes às predicções, sejam elas nucleares ou expandidas. Assim, a estrutura geral das predicções prescinde dos seguintes critérios: regra de formação das predicções, regra de formação

de termos, função semântica, função sintática, função pragmática, regras de expressão, marca de casos e ordem dos constituintes.

Café (1999), ao conceber o funcionalismo voltado especificamente para o âmbito das LEs, promoveu uma adaptação do modelo funcionalista de Dik. Assim, o funcionalismo de Café abandonou a análise no âmbito da oração e redirecionou seu foco para o âmbito das UTCs, isto é, no âmbito dos estudos terminológicos. Esta mudança de foco alterou significativamente a estrutura geral das predicções, uma vez que a análise ficou restrita às relações internas, excluindo as relações contextuais.

No quarto capítulo, deixamos claro que a recolha e a automação dos dados corresponde a uma amostragem piloto, gentilmente cedida por Lara. Portanto, neste capítulo, a nossa tarefa correspondeu à organização do léxico enológico (UTCs) segundo os critérios fornecidos pelas dez regras de formação de Café.

No último capítulo, discorremos sobre os resultados obtidos ao analisarmos as UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica. Assim, a análise que apresentamos não exaure as ocorrências, mas assinala claramente que a predicção nuclear do tipo $[\phi [x_1]]$ (Regra 1) é, possivelmente, um dos padrões de formação no âmbito da Análise Sensorial Enológica. Salientamos, também, que o processo de elipse da base constitui-se num ponto de partida para futuras pesquisas.

Enfim, as UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica, aqui estudadas, demonstraram ter um comportamento próprio para designar seus conceitos. Isto é, as regras de formação propostas por Café (1999) não foram confirmadas nesta linguagem especializada, uma vez que apenas a predicção do tipo $[\phi [x_1]]$ (Regra 1), devido a sua grande ocorrência – 86% do *corpus*, demonstrou uma substancial produtividade na linguagem de especialidade examinada nesta pesquisa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABREU, S. P. & LARA, L. Z. (2000) *Considerações sobre a formação lexical de verbos denominais em linguagem de especialidade*. Letras de Hoje. Porto Alegre, vol. 35, p. 139-154.
- ALVES, Ieda Maria. (1999) A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In: BASILIO, Margarida (Org.) *Palavra nº 5*. RJ: PUC
- AMARANTE, J. O. A. (1983) *Vinhos do Brasil e do mundo para conhecer e beber*. São Paulo: Summus Editorial.
- BASILIO, Margarida. (1999) *Teoria lexical*. São Paulo: Ática. Série Princípios.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. (1996) *A fraseologia jurídico-ambiental*. Dissertação de mestrado. UFRGS.
- BORGES, Marlise Fontes. (1998) *Identificação de sintagmas terminológicos em geociências*. Dissertação de mestrado. UFRGS.
- CABRÉ, M.T. (1993) *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona, Ed Antártida/Empúries.
- CAFÉ, Lígia. (1999) *La description et l'analyse des unités terminologiques complexes en langue portugaise (variété brésilienne): une contribution à l'automatisation de la banque de données terminologiques du Brésil (BRASILTERM)*. Tomos I e II. Tese de doutorado. Québec.
- CARONE, Flávia de Barros. (1999) *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática.
- CAMARA JR., J. Mattoso. (1956) *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes. 20^a ed.
- CATALUÑA, E. (1988) *As uvas e os vinhos*. Publicações Globo Rural. Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- DIK, Simon. (1977) *Gramática funcional*. Sociedade General Española de Libreria, Madrid.
- FAULSTICH, Enilde. (1980) *Lexicologia: a linguagem do noticiário policial*. Brasília: Horizonte.

- FAULSTICH, Enilde. (1997) Da lingüística histórica à terminologia. In: _____. *INVESTIGAÇÕES, Lingüística, e Teoria Literária*, vol. 7, p. 77-101. UFPE.
- FAULSTICH, Enilde. (1994) Natureza epistemológica do lexema e do termo. In: _____. *XXIII Anais de seminários do GEL*, vol. I (trabalho apresentado no XLI Seminário de Estudos Lingüísticos, 1994: 313-319)
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio – Século XXI*. Ed. Nova Fronteira e Lexikon Informática. Versão 3.0.
- LARA, Leandro Zanetti. (1999) *Análise sensorial enológica: proposta para elaboração de um glossário técnico*. UFRGS.
- LONA, A. A. (1996) *Vinhos – degustação, elaboração e serviço*. Porto Alegre: AGE Editora.
- MACIEL, Anna Maria Becker. (1999) *Reconhecimento da especificidade do termo no texto legislativo: uma proposta para o enfoque da terminologia jurídica*. Texto preliminar de tese de doutoramento apresentado para exame de qualificação. UFRGS.
- NEVES, Maria Helena de Moura. (1997) *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- PERINI, Mário A. (2000) *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática. 4^a ed.
- RATTI, R. (1984) *Como degustar os vinhos*. In: _____. Manual do degustador. Bento Gonçalves: Edições AEB Latino Americana.
- REY-DEBOVE, J. (1984) *Léxico e dicionário*. Tradução por C. B. de Moraes. Alfa, São Paulo, vol. 28, p. 45-68. Tradução de: Lexicon and dictionary.
- SALIBA, Márcia de Carvalho. (2000) *Unidades lexicais maiores que a palavra: descrição lingüística, considerações psicolingüísticas e implicações pedagógicas*. Dissertação de mestrado. UFPR.
- SCHROEDER, O. B. (1985) *Iniciação ao vinho*. Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina.
- ZINGLÉ, H. (1997) *Acquisition et traitement de données terminologiques avec Ztermino*. Travaux du Lilla n.2, Publ. De la Faculté des Lettres, Arts et Sciences Humaines de l'Université de Nice-Sophia Antipolis.

ANEXO 1 - UTCs *INTRA CORPUS*

LISTA EM ORDEM ALFABÉTICA³⁸

1. acidez fixa
2. acidez real
3. acidez total
4. acidez total expressa
5. acidez volátil
6. ácido acético
7. ácido carbônico
8. ácido sulfuroso
9. ácido tartárico
10. açúcares redutores
11. açúcares residuais
12. álcool etílico
13. amarelo-âmbar
14. amarelo-dourado
15. amarelo-palha
16. análise química
17. anidrido carbônico
18. anidrido sulfuroso
19. aspectos negativos
20. aspiração direta

³⁸ O *corpus* preliminar, segundo Lara (1999), foi extraído de *Como Degustar os Vinhos, Manual do Degustador*, de Ratti, com uso do software Ztext.

21. avaliação da cor
22. avaliação geral
23. avaliação por pontos
24. avaliação qualitativa
25. avaliação quantitativa
26. avelã tostada
27. borracha queimada
28. branco com reflexos
29. branco com reflexos alaranjados
30. branco com reflexos amarelados
31. branco com reflexos esverdeados
32. branco papel
33. café verde
34. capacidade sensorial
35. caracteres específicos
36. caracteres objetivos
37. característica olfativa
38. características de origem
39. características do vinho
40. características olfativas
41. características organolépticas
42. características positivas
43. características qualitativas
44. características varietais
45. categoria de vinho
46. cavidade bucal
47. cavidade oral
48. células da mucosa
49. componentes organolépticos
50. compostos sulfurados
51. concentração hidrogeniônica
52. denominação de origem
53. determinação da fineza
54. determinação da harmonia

55. escala de intensidade
56. estatística dos resultados
57. evaporação do álcool
58. evolução do vinho
59. fase olfativa
60. fases de evolução
61. fermentação alcoólica
62. ficha de avaliação
63. flor da amendoeira
64. força ácida
65. fruta fresca
66. frutas secas
67. gás carbônico
68. graduação alcoólica
69. grau alcoólico
70. grau de persistência
71. impressões gustativas
72. impressões olfativas
73. indicação geográfica
74. individuação das características
75. individuação dos caracteres
76. julgamento geral
77. julgamento técnico
78. matéria corante
79. maturação da uva
80. método de avaliação
81. oxidação dos taninos
82. reflexos amarelados
83. sensação de acidez
84. sensação de amargo
85. sensação de calor
86. sensação de doce
87. sensação gustativa
88. sensação gusto-olfativa

89. sensação olfativa
90. sensação tátil
91. sensações gerais
92. sensações olfativas
93. sensações visuais
94. sensibilidade gustativa
95. sensibilidade olfativa
96. sentidos do homem
97. substâncias aromáticas
98. substâncias odoríferas
99. substâncias voláteis
100. técnica de degustação
101. técnica de vinificação
102. tintos jovens
103. tipos de degustação
104. tipos de sensações
105. tonalidade de cor
106. uvas americanas
107. uvas aromáticas
108. via retronasal
109. vinho branco
110. vinho de mesa
111. vinho espumante
112. vinho jovem
113. vinho rico
114. vinho tinto
115. vinhos aromatizados
116. vinhos com denominação
117. vinhos especiais
118. vinhos licorosos
119. vinhos rosados
120. vinhos secos
121. vinhos tranquilos

ANEXO 2 – DESCRIÇÃO DAS UTCs *INTRA CORPUS*

1ª UTC:	ACIDEZ FIXA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) acidez	(2) fixa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Efeito	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

2ª UTC:	ACIDEZ REAL	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) acidez	(2) real
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Efeito	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

3ª UTC:	ACIDEZ TOTAL	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) acidez	(2) total
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Efeito	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

4ª UTC:	ACIDEZ TOTAL EXPRESSA		
Fórmula sintática:	[N [SA] [SA]]		
Fórmula morfológica:	[N [Adj] [Adj]]		
Regra de formação:	[ϕ [X ₁] [X ₂]]		
Elemento:	(1) acidez	(2) total	(3) expressa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1	Argumento 2
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo	Adjetivo
Função semântica:	Efeito	Propriedade	Intensidade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco	Foco
Conectivo:	-----	-----	-----

5ª UTC:	ACIDEZ VOLÁTIL	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) acidez	(2) volátil
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Efeito	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

6ª UTC:	ÁCIDO ACÉTICO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) ácido	(2) acético
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

7ª UTC:	ÁCIDO CARBÔNICO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) ácido	(2) carbônico
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

8ª UTC:	ÁCIDO SULFUROSO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) ácido	(2) sulfuroso
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

9ª UTC:	ÁCIDO TARTÁRICO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) ácido	(2) tartárico
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

10ª UTC:	AÇÚCARES REDUTORES	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) açúcares	(2) redutores
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

11ª UTC:	AÇÚCARES RESIDUAIS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) açúcares	(2) residuais
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

12ª UTC:	ÁLCOOL ETÍLICO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) álcool	(2) etílico
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

13ª UTC:	AMARELO ÂMBAR	
Fórmula sintática:	[A [SN]]	
Fórmula morfológica:	[Adj [N]]	
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA	
Elemento:	(1) amarelo	(2) âmbar
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2
Categoria gramatical:	Adjetivo	Nome
Função semântica:	Estado	Intensidade
Função sintática:		
Função pragmática:		
Conectivo:	-----	-----

14ª UTC:	AMARELO DOURADO	
Fórmula sintática:	[A [SA]]	
Fórmula morfológica:	[Adj [Adj]]	
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA	
Elemento:	(1) amarelo	(2) dourado
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2
Categoria gramatical:	Adjetivo	Adjetivo
Função semântica:	Estado	Intensidade
Função sintática:		
Função pragmática:		
Conectivo:	-----	-----

15ª UTC:	AMARELO PALHA	
Fórmula sintática:	[A [SN]]	
Fórmula morfológica:	[Adj [N]]	
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA	
Elemento:	(1) amarelo	(2) palha
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2
Categoria gramatical:	Adjetivo	Nome
Função semântica:	Estado	Intensidade
Função sintática:		
Função pragmática:		
Conectivo:	-----	-----

16ª UTC:	ANÁLISE QUÍMICA	
Fórmula sintática:	[N [SN]]	
Fórmula morfológica:	[N [N]]	
Regra de formação:		
Elemento:	(1) análise	(2) química
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Nome
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

17ª UTC:	ANIDRIDO CARBÔNICO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA	
Elemento:	(1) anidrido	(2) carbônico
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:		
Função pragmática:		
Conectivo:	-----	-----

18ª UTC:	ANIDRIDO SULFUROSO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA	
Elemento:	(1) anidrido	(2) sulfuroso
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:		
Função pragmática:		
Conectivo:	-----	-----

19ª UTC:	ASPECTOS NEGATIVOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) aspectos	(2) negativos
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

20ª UTC:	ASPIRAÇÃO DIRETA	
Fórmula sintática:	[N [SN]]	
Fórmula morfológica:	[N [N]]	
Regra de formação:		
Elemento:	(1) aspiração	(2) direta
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Modo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

21ª UTC:	AVALIAÇÃO DA COR	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) avaliação	(2) da cor
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Paciente
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	da

22ª UTC:	AVALIAÇÃO GERAL	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) avaliação	(2) geral
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Modo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

23ª UTC:	AVALIAÇÃO POR PONTOS	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) avaliação	(2) por pontos
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Modo
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	por

24ª UTC:	AVALIAÇÃO QUALITATIVA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) avaliação	(2) qualitativa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Modo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

25ª UTC:	AVALIAÇÃO QUANTITATIVA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) avaliação	(2) quantitativa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Modo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

26ª UTC:	AVELÃ TOSTADA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) avelã	(2) tostada
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Estado
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

27ª UTC:	BORRACHA QUEIMADA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) borracha	(2) queimada
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Estado
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

28ª UTC:	BRANCO COM REFLEXOS	
Fórmula sintática:	[A [SP]]	
Fórmula morfológica:	[Adj [P N]]	
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA	
Elemento:	(1) branco	(2) com reflexos
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2
Categoria gramatical:	Adjetivo	Sintagma preposicional
Função semântica:	Estado	Entidade
Função sintática:		
Função pragmática:		
Conectivo:	-----	com

29ª UTC:	BRANCO COM REFLEXOS ALARANJADOS		
Fórmula sintática:	[A [SP [SA]]]		
Fórmula morfológica:	[Adj [P N [Adj]]]		
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA		
Elemento:	(1) branco	(2) com reflexos	(3) alaranjados
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2	Argumento 3
Categoria gramatical:	Adjetivo	Sintagma preposic.	Adjetivo
Função semântica:	Estado	Entidade	Propriedade
Função sintática:			
Função pragmática:			
Conectivo:	-----	com	-----

30ª UTC:	BRANCO COM REFLEXOS AMARELADOS		
Fórmula sintática:	[A [SP [SA]]]		
Fórmula morfológica:	[Adj [P N [Adj]]]		
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA		
Elemento:	(1) branco	(2) com reflexos	(3) amarelados
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2	Argumento 3
Categoria gramatical:	Adjetivo	Sintagma preposicional	Adjetivo
Função semântica:	Estado	Entidade	Propriedade
Função sintática:			
Função pragmática:			
Conectivo:	-----	com	-----

31ª UTC:	BRANCO COM REFLEXOS ESVERDEADOS		
Fórmula sintática:	[A [SP [SA]]]		
Fórmula morfológica:	[Adj [P N [Adj]]]		
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA		
Elemento:	(1) branco	(2) com reflexos	(3) esverdeados
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2	Argumento 3
Categoria gramatical:	Adjetivo	Sintagma preposic.	Adjetivo
Função semântica:	Estado	Entidade	Propriedade
Função sintática:			
Função pragmática:			
Conectivo:	-----	com	-----

32ª UTC:	BRANCO PAPEL	
Fórmula sintática:	[A [SN]]	
Fórmula morfológica:	[Adj [N]]	
Regra de formação:	BASE ELIPTICA	
Elemento:	(1) branco	(2) papel
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2
Categoria gramatical:	Adjetivo	Nome
Função semântica:	Estado	Intensidade
Função sintática:		
Função pragmática:		
Conectivo:	-----	-----

33ª UTC:	CAFÉ VERDE	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) café	(2) verde
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Estado
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

34ª UTC:	CAPACIDADE SENSORIAL	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) capacidade	(2) sensorial
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

35ª UTC:	CARACTERES ESPECÍFICOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) caracteres	(2) específicos
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

36ª UTC:	CARACTERES OBJETIVOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) caracteres	(2) objetivos
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

37ª UTC:	CARACTERÍSTICA OLFATIVA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) característica	(2) olfativa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

38ª UTC:	CARACTERÍSTICAS DE ORIGEM	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) características	(2) de origem
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

39ª UTC:	CARACTERÍSTICAS DO VINHO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) características	(2) do vinho
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	do

40ª UTC:	CARACTERÍSTICAS OLFATIVAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) características	(2) olfativas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

41ª UTC:	CARACTERÍSTICAS ORGANOLÉPTICAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) características	(2) organolépticas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

42ª UTC:	CARACTERÍSTICAS POSITIVAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) características	(2) positivas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

43ª UTC:	CARACTERÍSTICAS QUALITATIVAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) características	(2) qualitativas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

44ª UTC:	CARACTERÍSTICAS VARIETAIS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) características	(2) varietais
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

45ª UTC:	CATEGORIA DE VINHO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) categoria	(2) de vinho
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

46ª UTC:	CAVIDADE BUCAL	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) cavidade	(2) bucal
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Localização
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

47ª UTC:	CAVIDADE ORAL	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) cavidade	(2) oral
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Localização
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

48ª UTC:	CÉLULAS DA MUCOSA	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) células	(2) da mucosa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Localização
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	da

49ª UTC:	COMPONENTES ORGANOLÉPTICOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) componentes	(2) organolépticos
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

50ª UTC:	COMPOSTOS SULFURADOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) compostos	(2) sulfurados
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

51ª UTC:	CONCENTRAÇÃO HIDROGENIÔNICA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) concentração	(2) hidrogeniônica
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Estado	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

52ª UTC:	DENOMINAÇÃO DE ORIGEM	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) denominação	(2) de origem
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Localização
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

53ª UTC:	DETERMINAÇÃO DA FINEZA	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) determinação	(2) da fineza
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Estado
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	da

54ª UTC:	DETERMINAÇÃO DA HARMONIA	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) determinação	(2) da harmonia
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Estado
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	da

55ª UTC:	ESCALA DE INTENSIDADE	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) escala	(2) de intensidade
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

56ª UTC:	ESTATÍSTICA DOS RESULTADOS	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) estatística	(2) dos resultados
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	dos

57ª UTC:	EVAPORAÇÃO DO ÁLCOOL	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) evaporação	(2) do álcool
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Paciente
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	do

58ª UTC:	EVOLUÇÃO DO VINHO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) evolução	(2) do vinho
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Paciente
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	do

59ª UTC:	FASE OLFATIVA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) fase	(2) olfativa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

60ª UTC:	FASES DE EVOLUÇÃO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) fases	(2) de evolução
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

61ª UTC:	FERMENTAÇÃO ALCOÓLICA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) fermentação	(2) alcoólica
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

62ª UTC:	FICHA DE AVALIAÇÃO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) ficha	(2) de avaliação
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

63ª UTC:	FLOR DA AMENDOEIRA	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) flor	(2) da amendoeira
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	da

64ª UTC:	FORÇA ÁCIDA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) força	(2) ácida
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

65ª UTC:	FRUTA FRESCA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) fruta	(2) fresca
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

66ª UTC:	FRUTAS SECAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) frutas	(2) secas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

67ª UTC:	GÁS CARBÔNICO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) gás	(2) carbônico
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

68ª UTC:	GRADUAÇÃO ALCOÓLICA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) graduação	(2) alcoólica
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

69ª UTC:	GRAU ALCOÓLICO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) grau	(2) alcoólico
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

70ª UTC:	GRAU DE PERSISTÊNCIA	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) grau	(2) de persistência
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

71ª UTC:	IMPRESSÕES GUSTATIVAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) impressões	(2) gustativas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

72ª UTC:	IMPRESSÕES OLFATIVAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) impressões	(2) olfativas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

73ª UTC:	INDICAÇÃO GEOGRÁFICA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) indicação	(2) geográfica
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Localização
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

74ª UTC:	INDIVIDUAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) individuação	(2) das características
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	das

75ª UTC:	INDIVIDUAÇÃO DOS CARACTERES	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) individuação	(2) dos caracteres
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	dos

76ª UTC:	JULGAMENTO GERAL	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) julgamento	(2) geral
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

77ª UTC:	JULGAMENTO TÉCNICO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) julgamento	(2) técnico
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

78ª UTC:	MATÉRIA CORANTE	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) matéria	(2) corante
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

79ª UTC:	MATURAÇÃO DA UVA	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) maturação	(2) da uva
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Paciente
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	da

80ª UTC:	MÉTODO DE AVALIAÇÃO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) método	(2) de avaliação
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

81ª UTC:	OXIDAÇÃO DOS TANINOS	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) oxidação	(2) dos taninos
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Paciente
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	dos

82ª UTC:	REFLEXOS AMARELADOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA	
Elemento:	(1) reflexos	(2) amarelados
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Estado	Intensidade
Função sintática:		
Função pragmática:		
Conectivo:	-----	-----

83ª UTC:	SENSAÇÃO DE ACIDEZ	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensação	(2) de acidez
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

84ª UTC:	SENSAÇÃO DE AMARGO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P Adj]]	
Regra de formação:		
Elemento:	(1) sensação	(2) de amargo
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

85ª UTC:	SENSAÇÃO DE CALOR	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensação	(2) de calor
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

86ª UTC:	SENSAÇÃO DE DOCE	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P Adj]]	
Regra de formação:		
Elemento:	(1) sensação	(2) de doce
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

87ª UTC:	SENSAÇÃO GUSTATIVA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensação	(2) gustativa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

88ª UTC:	SENSAÇÃO GUSTO-OLFATIVA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensação	(2) gosto-olfativa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

89ª UTC:	SENSAÇÃO OLFATIVA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensação	(2) olfativa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

90ª UTC:	SENSAÇÃO TÁTIL	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensação	(2) tátil
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

91ª UTC:	SENSAÇÕES GERAIS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensações	(2) gerais
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

92ª UTC:	SENSAÇÕES OLFATIVAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensações	(2) olfativas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

93ª UTC:	SENSAÇÕES VISUAIS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensações	(2) visuais
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

94ª UTC:	SENSIBILIDADE GUSTATIVA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensibilidade	(2) gustativa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

95ª UTC:	SENSIBILIDADE OLFATIVA	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sensibilidade	(2) olfativa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

96ª UTC:	SENTIDOS DO HOMEM	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P D N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) sentidos	(2) do homem
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	do

97ª UTC:	SUBSTÂNCIAS AROMÁTICAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) substâncias	(2) aromáticas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

98ª UTC:	SUBSTÂNCIAS ODORÍFICAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) substâncias	(2) odoríferas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

99ª UTC:	SUBSTÂNCIAS VOLÁTEIS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) substâncias	(2) voláteis
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

100ª UTC:	TÉCNICA DE DEGUSTAÇÃO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) técnica	(2) de degustação
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

101ª UTC:	TÉCNICA DE VINIFICAÇÃO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) técnica	(2) de vinificação
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

102ª UTC:	TINTOS JOVENS	
Fórmula sintática:	[A [SA]]	
Fórmula morfológica:	[A [Adj]]	
Regra de formação:	BASE ELÍPTICA	
Elemento:	(1) tintos	(2) jovens
Predicação nuclear:	Argumento 1	Argumento 2
Categoria gramatical:	Adjetivo	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:		
Função pragmática:		
Conectivo:	-----	-----

103ª UTC:	TIPOS DE DEGUSTAÇÃO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) tipos	(2) de degustação
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

104ª UTC:	TIPOS DE SENSAÇÕES	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) tipos	(2) de sensações
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Processo	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

105ª UTC:	TONALIDADE DE COR	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) tonalidade	(2) de cor
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Propriedade
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

106ª UTC:	UVAS AMERICANAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) uvas	(2) americanas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

107ª UTC:	UVAS AROMÁTICAS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) uvas	(2) aromáticas
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

108ª UTC:	VIA RETRONASAL	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[φ [X ₁]]	
Elemento:	(1) via	(2) retronasal
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Localização
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

109ª UTC:	VINHO BRANCO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[φ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinho	(2) branco
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

110ª UTC:	VINHO DE MESA	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[φ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinho	(2) de mesa
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	de

111ª UTC:	VINHO ESPUMANTE	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[φ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinho	(2) espumante
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

112ª UTC:	VINHO JOVEM	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinho	(2) jovem
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

113ª UTC:	VINHO RICO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinho	(2) rico
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

114ª UTC:	VINHO TINTO	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinho	(2) tinto
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

115ª UTC:	VINHOS AROMATIZADOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinhos	(2) aromatizados
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

116ª UTC:	VINHOS COM DENOMINAÇÃO	
Fórmula sintática:	[N [SP]]	
Fórmula morfológica:	[N [P N]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinhos	(2) com denominação
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Sintagma preposicional
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Complemento do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	com

117ª UTC:	VINHOS ESPECIAIS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinhos	(2) especiais
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

118ª UTC:	VINHOS LICOROSOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinhos	(2) licorosos
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

119ª UTC:	VINHOS ROSADOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinhos	(2) rosados
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

120ª UTC:	VINHOS SECOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinhos	(2) secos
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

121ª UTC:	VINHOS TRANQUÍLOS	
Fórmula sintática:	[N [SA]]	
Fórmula morfológica:	[N [Adj]]	
Regra de formação:	[ϕ [X ₁]]	
Elemento:	(1) vinhos	(2) tranquilos
Predicação nuclear:	Base	Argumento 1
Categoria gramatical:	Nome	Adjetivo
Função semântica:	Entidade	Vínculo
Função sintática:	Sujeito	Adjunto do nome
Função pragmática:	Tópico	Foco
Conectivo:	-----	-----

ANEXO 3 – UTCs *EXTRA CORPUS***LISTA EM ORDEM ALFABÉTICA**

1. abordagem visual
2. acetato de metila
3. acidez adstringente
4. acidez agressiva
5. acidez alta ou baixa
6. acidez equilibrada
7. acidez málica
8. acidez marcante
9. acidez refrescante
10. ácido agressivo
11. ácido butírico
12. ácido cítrico
13. ácido láctico
14. ácido málico
15. ácidos naturais da uva
16. ácidos orgânicos
17. ácidos orgânicos livres
18. ácido sulfídrico
19. águas espumantes
20. análise da cor
21. análise da viscosidade
22. análise gustativa
23. análise olfativa

24. análise organoléptica total
25. análise sensorial
26. análise visual
27. aprendizado de olfação
28. áreas de sensibilidade gustativa
29. aromas alimentares
30. aroma de animais
31. aroma de especiarias
32. aroma de flores
33. aroma de frutas frescas
34. aroma de frutos secos
35. aroma de ervas
36. aroma intenso
37. aromas complexos
38. aromas específicos do vinho
39. aromas primários
40. aromas secundários
41. aromas terciários
42. aromas vínicos
43. aspecto do vinho
44. bactérias lácticas
45. base da língua
46. boca seca
47. borbulha do espumante natural
48. borda lateral da língua
49. cálice de degustação
50. caracteres organolépticos
51. caracteres olfato-gustativos
52. características aromáticas
53. características de cor
54. características de limpidez
55. categorias básicas
56. cheiro de rolha
57. componentes aromáticos

58. componentes do vinho
59. componentes específicos
60. copo de degustação
61. cor vermelho rubi
62. cores intensas
63. cores pálidas
64. degustação tradicional
65. denominação de bouquet de redução
66. duração gustativa aromática
67. duração da persistência gustativa
68. escala de avaliação
69. escala de limpidez
70. espumantes naturais
71. exame final
72. exame gustativo
73. exame olfativo
74. exame organoléptico
75. exame visual
76. extrato seco
77. fase aeróbica
78. fase anaeróbica
79. fase inicial de ataque
80. fase terminal
81. fermentação malo-lática
82. ficha de degustação
83. filme líquido
84. fineza aromática
85. frescor acidulado
86. gama de sensações
87. gás sulfuroso
88. grau de envelhecimento
89. grau de limpidez
90. grau de tanicidade
91. identificações organolépticas

92. impressões aromáticas
93. intensidade aromática
94. juízo dos vinhos
95. julgamento dos sentidos
96. linguagem vinícola
97. maçã verde
98. margem póstero-lateral
99. material coloidal em suspensão
100. mecanismo da degustação
101. mecanismo neurofisiológico da degustação
102. mosto concentrado de uva
103. mosto retificado de uva
104. mucosa olfativa
105. observação visual
106. odores de baunilha
107. odores de torrefação
108. odor de trufa
109. papel branco
110. papel de filtro
111. papilas gustativas da superfície lingual
112. papilas gustativas linguais
113. parte central da língua
114. percepção dos sabores
115. persistência da espuma
116. persistência gustativa aromática
117. pimentão verde
118. potência visual
119. reações químicas
120. receptores específicos
121. receptor específico do sabor doce
122. reconhecimento dos aromas
123. região de captação das sensações salinas
124. registro nasal nervoso
125. regras básicas

126. repertório de odores
127. sabor ácido
128. sabores ácidos
129. sabor amargo
130. sabor doce
131. sabor salgado
132. sabores básicos
133. sabores doces aparentes
134. sabores doces reais
135. sacarose refinada de cana
136. sais dos ácidos orgânicos e inorgânicos
137. sensação ácida
138. sensação de adstringência
139. sensação de corpo
140. sensação de harmonia
141. sensação de temperatura na boca
142. sensações do tato
143. sensações específicas
144. sensações retro-olfativas
145. sensações térmicas
146. sentido do gosto
147. substâncias sápidas
148. tamanho da borbulha
149. tecido epidérmico central da língua e da cavidade bucal
150. técnica enológica da preparação
151. teores de açúcar
152. teores de ácidos orgânicos
153. tintos de guarda
154. tintos envelhecidos
155. tintos jovens esfriados
156. tipos de papilas
157. umbral de percepção do sabor doce
158. uvas podres
159. uvas verdes

160. variedade da uva
161. vermelho tijolo
162. via conduto retronasal
163. via nasal direta
164. vinho branco jovem
165. vinhos aromáticos
166. vinhos brancos maduros
167. vinhos brancos secos
168. vinhos curtos
169. vinhos de baixa acidez
170. vinhos de alta acidez
171. vinhos novos
172. vinhos oxidados
173. vinhos tintos de “guarda”
174. vinhos velhos
175. vinhos verdes de Portugal
176. zona amarga
177. zonas da língua

ANEXO 4 – FUNÇÕES SEMÂNTICAS

LISTA EM ORDEM ALFABÉTICA³⁹

AÇÃO: fato de produzir um efeito ou de agir sobre uma entidade ou um processo.

AGENTE: entidade que produz uma ação.

AGRUPAMENTO: associação de entidades para formar um grupo, um conjunto ou uma classe.

CAPACIDADE: situação que representa o “conteúdo” de uma entidade ou de um agrupamento.

COMPONENTE: elemento que entra na composição de uma entidade.

EFEITO: situação produzida ou provocada por um agente ou um processo (o efeito é sempre um processo).

ENTIDADE: objeto material ou abstrato.

ESTADO: situação daquele que se designa um objeto abstrato ou material.

FONTE: origem de uma entidade.

³⁹ Tradução livre, conforme anexo 2 de Café (1999)

FORMA: aparência exterior que atribui a uma entidade sua especificidade, sua particularidade.

INTENSIDADE: grau de propriedades de uma entidade ou das maneiras/modos de proceder.

INSTRUMENTO: meio pelo qual se executa um processo.

LOCALIZAÇÃO: local/porção que situa, circunscreve ou limita o espaço de uma entidade ou um processo.

META: razão pela qual uma coisa é feita ou existe.

MODO: maneira de ser de uma entidade ou de realizar um processo.

PACIENTE: entidade que sofre uma ação ou um processo.

PROCESSO: acontecimento que modifica uma situação inicial.

PROPRIEDADE: conjunto de sinais (sobretudo de sinal de função), de reações de uma substância; maneira de ela se comportar segundo as condições sobre as quais é empregada.

RESULTADO: situação produzida por um processo, um efeito ou uma ação.

VÍNCULO: situação que liga uma entidade ou um processo a uma coletividade, um conjunto ou um agrupamento.